

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

Rubia Stein do Nascimento

MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS:  
amorosidades e seriedades

Florianópolis

2022

Rubia Stein do Nascimento

MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS:  
amorosidades e seriedades

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação em Museologia do Centro  
de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito à obtenção do  
título de bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Luciana Silveira  
Cardoso

Florianópolis

2022

Rubia Stein do Nascimento

MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS:  
amorosidades e seriedades

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do  
Título em Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso  
de Museologia

Florianópolis, 15 de dezembro de 2022

---

Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Me. Luciana Silveira Cardoso  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>o</sup> Me. Valdemar de Assis Lima  
Avaliador  
Universidade de Brasília - UnB

---

Prof<sup>a</sup> Me. Carla Brito Sousa Ribeiro  
Avaliadora  
Universidade Paulista - USP

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso Museologia

Aos meus pais, Nadir Stein (in memorian) e Egon Stein  
por sempre me apoiarem.

Ao meu marido, Alcides José do Nascimento Junior  
pelo amor, compreensão e paciência.

Aos meus filhos, Kissia e Kléssio, à Debora e Horácio  
pelo carinho, apoio e colaboração.

Aos meus netos, Laura Alice, João Luiz e Vitor Guilherme  
anjos e bênçãos na minha vida

## **AGRADECIMENTOS**

Aos integrantes da Banca Examinadora: professora orientadora Luciana Silveira Cardoso; ao professor "Vavá" - Valdemar Assis e a professora Carla Brito Sousa Ribeiro, pela atenção e acolhimento na pesquisa.

Aos professores de todas as disciplinas que participei, pela troca de experiências e aprendizado durante o período do curso.

A todos os colegas das turmas pelas quais circulei, em especial a Ilione Coutinho, a Vera Regina Cazaubon e Pedro Henrique dos Santos Wolter.

Aos amigos de perto e de longe, aos colegas da vida e a todos que não consegui mencionar por serem muitos os que participaram desse sonho de me tornar museóloga.

O Museu jamais será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo muda, tudo sempre mudará

Museu-Vida é um grande transformar  
Num desafio constante

O objeto que se vê não é  
Igual ao que era há um segundo  
Tudo muda o tempo todo no mundo

Não tente reproduzir  
O passado em si mesmo  
Agora, somos sujeitos da história  
Aqui dentro e sempre como uma onda no mar  
(SANTOS, Maria Célia)

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso - TCC, da graduação em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, apresenta um levantamento da produção intelectual da professora, educadora e museóloga baiana Maria Célia Teixeira Moura Santos. Emprega a análise de conteúdo (BARDIN, 2006) como procedimento metodológico para estudar os artigos publicados nos Cadernos de SocioMuseologia da ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- Lisboa/Portugal. A análise concentrou-se na escrita de 17 artigos produzidos entre 1994 e 2002, detalhando entre eles os pertinentes ao tema Educação em Museus. Maria Célia Santos apresenta suas ações-reflexões-ações, com ênfase nas suas vivências na área educativa dos museus e sua participação efetiva e afetiva, com amorosidade e seriedade.

**Palavras Chave:** museu, educação, educação museal, compromisso social

## **ABSTRACT**

This work Completion of Course - TCC, of the graduation in Museology at the Federal University of Santa Catarina - UFSC, presents a survey of the intellectual production of the teacher, educator and museologist from Bahia Maria Célia Teixeira Moura Santos. It employs content analysis (BARDIN, 2006) as a methodological procedure to study the articles published in the SocioMuseology Notebooks of the ULHT - Lusófona University of Humanities and Technologies - Lisboa/Portugal. The analysis focused on the writing of 17 articles produced between 1994 and 2002, detailing among them those pertinent to the theme Education in Museums. Maria Célia Santos presents her actions-reflections-actions, with an emphasis on her experiences in the educational area of museums and her effective and affective participation, with love and seriousness.

Keywords: museum, education, museumeducation, social commitment

## **LISTA DE SIGLAS**

ABREMC - Associação Brasileira de EcoMuseus e Museus Comunitários  
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus  
ICOFOM - Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus  
IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia  
PNM - Política Nacional de Museus  
SEBRAMUS - Seminário Brasileiro de Museologia  
SNM - Sistema Nacional de Museus  
TCC- Trabalho de Conclusão de Curso  
ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
UFBA - Museologia da Universidade Federal da Bahia  
UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1: MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS: MUSEÓLOGA CONTEMPORÂNEA .....	17
1.1 ESCRITA DE SI - MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS .....	23
1.2 ORGANIZANDO AFETIVIDADES COM APROPRIAÇÕES MUSEAIS.....	26
1.3 COMO AFETOS SE APROPRIAM E SÃO APROPRIADOS NA EDUCAÇÃO MUSEAL .....	28
1.4 AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO MUSEAL: AMOROSIDADES E SERIEDADES .....	31
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	34
2.1 ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL E/OU INFORMAL .....	34
2.2 DIFERENCIANDO PROCESSOS EDUCATIVOS E MUSEOLÓGICOS: ..	41
2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: BARDIN COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	42
2.4 A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS E SEU COMPROMISSO SOCIAL .....	43
CAPÍTULO 3: SINTONIZANDO AÇÕES-REFLEXÕES-AÇÕES.....	48
3.1 HARMONIA E SIMBIOSE NA ESCRITA.....	49
3.2 PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA .....	51
3.3 PANORAMA MUSEOLÓGICO EDUCACIONAL:.....	52
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61

## INTRODUÇÃO

Os projetos e as ações museológicas - seus conceitos, teorizações e definições, vêm contribuindo expressivamente para a compreensão e ampliação teórica que trata dos objetos musealizados e/ou musealizáveis. A noção de patrimônio, incluindo a ideia de participação da comunidade nas políticas referentes às práticas museológicas, encontram-se em discussões contemporâneas, extrapolando as ideias já consagradas.

Do ponto de vista da museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos (1999) estas questões já se constituíam em reflexões sobre as estratégias museais, a partir da "análise em que os museus e as práticas museológicas estão sempre em relação com as demais práticas sociais globais", levando em consideração as relações humanas, em seus momentos históricos.

Dentro dessa perspectiva, a Museologia Contemporânea procura tornar possível a execução de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos, em diferentes contextos, por meio da participação com vistas ao desenvolvimento sociocultural e educativo. Esse processo já era anunciado na Declaração de Santiago (1972)<sup>1</sup>, onde se considerava que os Museus, por serem instituições a serviço da sociedade, contribuem para o engajamento e mudanças de suas realidades, permitindo esclarecimentos de problemas atuais, por meio da conexão do passado com o presente.

Seguindo nessa linha de pensamento, em 1984, a Declaração de Quebec atualizou e reforçou os impactos da Carta de Santiago, passados 14 anos de 1972, enfocando a participação da comunidade nos Museus e ressaltando a importância de pensar o multiculturalismo nessas instituições. Em 1992, a Declaração de Caracas, vinte anos após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, fez uma releitura do documento lá apresentado e avaliou a situação dos Museus na América Latina, levantando os pontos a serem

---

<sup>1</sup> A Mesa Redonda de Santiago do Chile é considerada um dos principais eventos realizados entre profissionais de museus e da Museologia envolvendo diferentes países da América Latina. Nesse evento foi elaborada a Declaração de Santiago do Chile, em 31 de maio de 1972. Trata-se de um trabalho interdisciplinar sobre "O desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo", organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO e o Conselho Internacional de Museus - ICOM.

alcançados dentro da perspectiva da Nova Museologia<sup>2</sup> e, de forma sintética, passou a compreender Museus como “instituições de comunicação e de educação”.

Diante dessas proposições na esfera internacional e para a consolidação de políticas públicas no Brasil, enfocando as funções e as atividades do Museu como instrumento legitimador de ações preservacionistas do patrimônio cultural brasileiro e dos acervos/objetos musealizados e/ou musealizáveis, em 2004, foi criado o Sistema Nacional de Museus - SNM<sup>3</sup>. Portanto, para que emerja nos discursos e nas práticas preservacionistas uma forma legítima de atuação interdisciplinar, torna-se indispensável um intenso trabalho de organização. Esta abrange todas as atividades que integram ações que buscam a preservação do patrimônio, assim como dos objetos musealizados e/ou musealizáveis.

Nesse sentido, além dos aspectos relevantes que dizem respeito a toda a documentação e legalização necessárias para a existência de um Museu, seja ele público ou privado, ações educativas são fundamentais para mudança de mentalidade e alcance das suas funções, prevalecendo na presente pesquisa aspectos da difusão por meio das atividades sócio-educativas-culturais nos espaços museais

Diante da vasta possibilidade de atuação museal, o objetivo dessa pesquisa se concentra na trajetória criativa de produção textual da museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos no tocante às suas atividades, descritas e

---

<sup>2</sup> A **Nova Museologia** trata de mudanças paradigmáticas em uma perspectiva museológica que ganhou força a partir da década de 1970. De maneira geral, ela é marcada pela defesa da centralidade da comunidade no contexto museal, do compromisso com as questões sociais e da atuação do museu junto ao território

<sup>3</sup> O **Sistema Brasileiro de Museus – SBM**, (<http://www.museus.gov.br/main.htm>) criado pelo Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, assinado pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministro da Cultura Gilberto Passos Gil Moreira é um marco na atuação das políticas públicas voltadas para o setor museológico. Seu estabelecimento cumpre uma das premissas na Política Nacional de Museus, ou seja, a constituição de uma ampla e diversificada rede de parceiros que, somando esforços, contribuam para a valorização, a preservação e o gerenciamento do patrimônio cultural brasileiro sob a guarda dos museus, de modo a torná-los cada vez mais representativo da diversidade étnica e cultural do país. O SBM tem a finalidade de facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. Além disso, o SBM propicia o fortalecimento e a criação dos sistemas regionais de museus, a institucionalização de novos sistemas estaduais e municipais de museus e a articulação de redes temáticas de museus. Também é atribuição do SBM propor a criação e o aperfeiçoamento de instrumentos legais para o melhor desempenho e desenvolvimento das instituições museológicas no Brasil.

analisadas seguindo o pensamento celiano<sup>4</sup>, em especial aos textos referentes à Educação Museal. Para ela, a preservação do patrimônio e da memória, enfocando identidades diversas, cidadania e sensibilidades efetivas e afetivas, destacam o Museu como instrumento de uma política patrimonial.

A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade, o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história. Talvez possamos afirmar que a ação participativa seja uma das características mais marcantes da contemporaneidade. (SANTOS, 1999, p. 01)

Assim como relaciona os procedimentos teórico-práticos com áreas temáticas e formatos metodológicos diferenciados em variados campos do conhecimento, contribuindo de maneira significativa na formulação das **políticas públicas da contemporaneidade**. (grifo nosso)

Neste cenário, a Sociomuseologia têm impulsionado a democratização do acesso à cultura, valorizando o «tempo social» e orientando, em seus documentos básicos e nas suas ações museológicas, novas ações que têm gerado o protagonismo acima mencionado. No novo museu de ideias, as tradicionais ações de coleta, preservação, e educação como fomento à contemplação deu lugar a um novo foco, a uma nova preocupação, que prioriza o social, as pessoas, as ideias, os patrimônios em relação com os diferentes contextos de produção e consumo social e a uma ação educativa dos museus como fomento e alicerce para as discussão e diálogo e a compreensão ativa do presente. (PRIMO, 2014, p. 26)

A premissa fundamental é o exercício da reflexão sobre qual é o sentido da preservação de nosso patrimônio social e cultural.

Nesse sentido, todo o processo de musealização é visto de forma participativa, implicando desafios e conquistas diretamente integrado "*às dimensões do cotidiano, ampliando assim as dimensões de valor, consciência e sentido*". (SANTOS, 2008, p.102). A partir dessa ideia inicial, e em conversa direta com a professora Maria Célia, no SEBRAMUS 2019 conseguimos afinar

---

<sup>4</sup> "**celiano**" - expressão criada pela pesquisadora para se referir a produção intelectual e as escritas de Maria Célia Teixeira Moura Santos: museóloga educadora-educanda e gestora que é objeto de estudo dessa pesquisa de TCC - Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Museologia/UFSC

um interesse comum que trata da trajetória de vida pelo viés direto da sua produção intelectual..

Nesta pesquisa evidencio a extensa produção em sua ação-reflexão-ação; que é referência na área museológica, extrapolando os limites específicos desse campo de atuação, pesquisa e vivências experienciais, para além da construção de conexões/relações com diversas outras áreas do conhecimento. Esta interdisciplinaridade da Museologia, assim como toda a produção e atuação ue se constitui no *pensamento celiano*, se mostra nas conexões/relações com a História, a Antropologia, a Arqueologia, as Ciências Naturais, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Arquivologia, entre muitas outras disciplinas.

No entanto, dentre essa multiplicidade de áreas do conhecimento, o enfoque se estabelece em uma de suas áreas de atuação, que é a Educação Museal. Para além da relevância dessa característica interdisciplinar da Museologia. Aqui nesta pesquisa, é tratado uma parte significativa das ações-reflexões-ações inerentes à organicidade efetiva e afetiva das apropriações museais na trajetória pessoal e profissional de Maria Célia Teixeira Moura Santos.

Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. Em se tratando do Curso de Magistério, este aspecto foi de fundamental importância, pois, ao desenvolverem programas a partir da análise da realidade, compreendida enquanto fazer cultural, os alunos vivenciaram, na prática, como planejar, organizar e avaliar programas desse teor, o que os capacitou a desenvolver ações semelhantes quando da sua prática profissional. (SANTOS, 2002, p. 70)

Essas apropriações museais dizem respeito principalmente à produção científica prática e teórica que constam nas escritas resultantes da atuação profissional e pessoal dessa educadora-museóloga no decorrer de sua trajetória de vida. Apropriações estas que se mesclam, se adaptam, se constroem e se reproduzem constantemente no seu agir e no seu refletir- nas suas ações-reflexões-ações.

Nesta pesquisa trata-se de um contínuo *ir e vir* nas avaliações das ações desenvolvidas em atividades de Educação Museal, sempre em constantes reflexões sobre os procedimentos, atitudes, técnicas e metodologias utilizados, com muita seriedade e amorosidade, atuando efetiva e afetivamente nas atividades desenvolvidas e descritas na produção intelectual da museóloga-educadora Maria Célia Santos. Isto é, sua atuação e sua trajetória de vida esteve e ainda está em constante reflexão entre uma ação e outra. Se fundamenta na ação-reflexão apresentada na Pedagogia Freiriana e na Pesquisa Ação de Thilolent.

Seguindo nesse ponto de vista, apresento no capítulo 1 a escrita de si mesma pela autora, organizando afetividades com apropriações museais, como os afetos se apropriam e são apropriados na educação museal e a ação-reflexão-ação museal com suas amorosidades e seriedades. Nesse contexto, ser séria não é incompatível com ser amorosa. Amorosidade é coisa muito séria, especialmente em tempos de ódio e tantas violências. Seriedades e amorosidades se complementam, ambos são essenciais na ação-reflexão-ação. Cada um têm a sua própria função, indissociável no desenvolvimento das pessoas, da sociedade e das atividades museais em questão; nesse caso nas ações educativas, culturais, históricas, sociais e políticas. Não são conceitos contrários, mas sim complementares. Caminham juntos, tanto na trajetória pessoal quanto na trajetória profissional e na trajetória de vida de Maria Célia Santos.

Na sequência, no capítulo 2 exponho alguns dos múltiplos aspectos da educação: o ensino formal e não formal e/ou informal, diferenciando processos educativos e museológicos e seguindo a análise de conteúdo de Bardin como procedimento metodológico, evidenciando a função educativa dos museus e seu compromisso social.

E no capítulo 3 finalizo essa pesquisa, sintonizando ações-reflexões-ações propostas por Maria Célia Santos, enfatizando a harmonia e a simbiose na escrita de uma pedagogia museológica no panorama museológico educacional contemporâneo.

Nesta perspectiva, o caminhar profissional, atrelado ao convívio efetivo e afetivo em todos os projetos e reflexões de Maria Célia Santos,

demonstram o quanto pode ser lúdico, alegre e prazeroso discorrer sobre esse caminhar pautado em uma vida vivida e refletida constantemente. Grande parte dessas pautas, ações-reflexões-ações produzidas por ela, subsidiam uma realidade museológica, que perpassa por algumas gerações e que podem ser analisadas por meio de seus textos, de suas ações e suas reflexões.

## **CAPÍTULO 1: MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS: MUSEÓLOGA CONTEMPORÂNEA**

*“Os museus abrigam o que fomos e o que somos.  
E inspiram o que seremos”.*

Gilberto Gil, Ministro de Estado da  
Cultura, durante o Governo Lula (2003-2008)

A proposta dessa pesquisa, iniciando sua construção e elaboração reflexiva, surgiu de uma conversa (como já dito anteriormente, na introdução) com a museóloga, educadora e pesquisadora Maria Célia Teixeira Moura Santos, no Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS ocorrido em Brasília, no ano de 2019.

Considerando que a Museologia contemporânea é marcada por delineamentos que contribuem para a configuração e a compreensão de algumas especificidades marcantes nas diferentes atuações teórico-práticas, busquei tais delineamentos, recorrentes nas escritas de Maria Célia Santos. Essas recorrências se encontram nas ações-reflexões-ações, que perpassam por toda a sua produção e atuação promovendo contribuições significativas. A compreensão desse pensamento museológico contemporâneo é possível a partir do agrupamento de leituras e estudos, da produção e da escrita intelectual dessa museóloga contemporânea, que encontram em si determinadas similitudes e diferenças, mesmo conservando especificidades nos diferentes modos de conceber a Museologia, em seus aspectos educativos.

Nesse viés "*céliano*" de ver e praticar os objetivos museológicos, o enfoque se dá no desenvolvimento comunitário, pela participação efetiva e afetiva das pessoas em seu contexto e suas realidades, assim como na preservação de suas memórias e de seus patrimônios, de suas histórias de vida e na protagonização como sujeitos históricos, com toda amorosidade e seriedade possível e necessária.

Em seus escritos Paulo Freire afirmava que a "educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise

da realidade." (FREIRE, 1974, p. 96). Entender que educar é um ato de amor e de afetos, pressupõe ações a partir das histórias de vida para mostrar novos conhecimentos e pontos de vista. Os saberes construídos socialmente, as experiências comunitárias, as histórias de vida contextualizadas geram uma aprendizagem significativa.

Acreditamos que os programas dos museus são o resultado da concepção de museologia e de museu, assumidas por aqueles que atuam nas instituições museais, e que por meio da sua atuação, no interior ou fora da instituição, podem alimentar a teoria museológica, e, conseqüentemente, provocar a necessária transformação no museu. A instituição "museu não é um dado pronto, acabado. É o resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada momento; portanto, é prática social, é parte do patrimônio cultural. A museologia é processo. A ação museológica pode anteceder-se à existência objetiva do museu. Pode gerar, ou não, o museu. O museu pode ser o resultado dos avanços da construção do conhecimento, na Museologia, em vários momentos históricos, e, portanto, em estreita relação com a teoria museológica. (SANTOS, 2022, p 67)

Assim como também, na ideologia freireana as relações são pautadas na amorosidade, estabelecida pelo diálogo aberto, instigando trocas de saberes provenientes das histórias de vida, das experiências e vivências de cada indivíduo, motivado pelo seu meio social e pela sua cultura, reforçando essas relações por meio de vínculos afetivos, pelo sentir e pelo pensar.

Na compreensão do conceito freireano de amorosidade, é necessário tomar como prioridade uma ação dialógica, na qual a atuação atenta e humanizada se conecta em uma aliança intrínseca entre amorosidade e diálogo.

Assim como Freire, Torres&Moraes (2004), também consideram a importância dos sentimentos (amorosidades, afetividades) quando utilizam o conceito de *sentipensamento*. A expressão *sentipensar* trata do lugar do sentimento e do pensamento quando esses ganham uma corporeidade significativa. Sentimos e pensamos como sujeitos quando, em nossa cotidianidade, nos propomos ao encontrar uma direção e um sentido às nossas ações.

## DIÁLOGO SENTI-PENSAR

**Relator.** Com este diálogo personalizado entre *sentir* e *pensar*, pretende-se colocar de imediato a confrontação que a educação e a sociedade têm gerado entre estas duas formas de compreender a realidade e a vida. É uma estratégia para “*sentipensar*”, para por em funcionamento a aprendizagem integrada envolvendo conceitos, metáforas, imaginação, sentimentos, pensamentos, participação e debates. Tente ser um dos personagens e sentirá que ambos debatem, dialogam, ironizam, se amam,... dentro de você.

**Pensar.** É excitante comprovar que graças a sua capacidade mental o ser humano tem progredido, tem realizado obras impressionantes e tem se empenhado em aventuras inacreditáveis para dominar o mundo.

**Sentir.** Não esqueça que você não realizou somente estas aventuras, amigo. Se existe algo maravilhoso é porque eu estava ao seu lado. *Pensa que por trás de uma grande idéia sempre existe uma profunda paixão.*

**Pensar.** O que você está dizendo, histérica irmã do pranto e do riso? Enquanto lhe fazem um elogio se derrete em puro sentimento! Você está muito equivocado se pensa que eu lhe aceito como amigo, pois você está compartilhando muito pouco com o perceber, raciocinar, inferir, praticar... e uma outra larga rede de companheiros e companheiras que me servem de apoio.

**Sentir.** Aonde vc acredita que poderia chegar sem mim, seu caracol de idéias? Quanto vc acredita que poderia aguentar somente em seus frios pensamentos, se não fosse pela fascinação, pelo empenho e desejo de ir mais adiante?

**Pensar.** Eu bem podia viver sem vc. Estou seguro disto! De fato, vc nada mais tem do que assistir às aulas onde se transmite a cultura de geração em geração para dar-se conta de que não precisamos de vc para transmitir o conhecimento. E quando vc se expressava lhe mandavam para fora da classe! Veja, nas reformas, se confunde ainda mais o professorado, se fala mais do aluno, se incorporam novas linguagens, se multiplicam os gastos, se diminui os concursos para seleção de professores e, ao final, o que acontece? O que se aprende mais nas aulas do que na vida? O que vc faz na escola?

**Sentir.** Este é o problema, companheiro. A vontade de prescindir de mim, a mera racionalidade, os interesses materiais, a globalização e a perda de dinheiro no banco terminam com a esperança do cidadão e os deixam na miséria. Incentiva lutas armadas e guerras sem sentido. Isto vc faz muito bem, pois não lhe comove os massacres nem os holocaustos mais cruéis. Somente lhe interessa aquilo que lhe beneficia.

**Pensar.** Olha, meu amigo, tenho sido capaz de explorar o espaço, de chegar até a lua, de registrar o bigban ocorrido há milhões de anos, muito antes de aparecer a consciência. Tenho sido capaz de penetrar nos recantos mais profundos da terra, dos oceanos, do espaço. Tenho sido capaz de....

**Sentir.** Capaz de, capaz de... já sei do seu blá,blá,blá.... Tem sido capaz de decifrar o código genético, de descobrir os neurotransmissores, de se autoanalisar e analisar as minhas reações, quase como...

**Pensar.** Sim, isto mesmo, onipresente, pois qualquer palavra ou imagem pode ser vista em todas as partes do mundo e em milhões de lugares ao mesmo tempo.

**Sentir.** Vc não acredita que está exagerando? Que estas idéias de toda poderosa razão lhe escravizam? Muito neocortex, mas vc desconhece as emoções criativas que lhe alimentam. Acredita de verdade que vc fez sozinho tantas descobertas? Acredita que poderia ter avançado nas civilizações sem o meu entusiasmo, sem a minha curiosidade, a minha criatividade e a paixão pelo novo?

**Pensar.** Claro que sim! Estou convencido de que se a humanidade tem avançado na ciência e na tecnologia, solucionado tantos problemas, é pela minha inteligência lógica, racional, analítica e linguística. Como, se não, se pode descobrir a verdade?

**Sentir.** Somente uma dúvida curiosa, orgulhoso “pensar”. Se é como vc diz, que só vc tem este poder tão extraordinário, como é que vc não conseguiu, com todo seu imenso conhecimento, que o professorado se entusiasme com o trabalho, que o aluno desfrute e aprecie suas novas aprendizagens, que depois de tantos séculos de avanços que a educação esteja à altura de suas descobertas? Se vc é mesmo o que descobre e o que ensina tudo, por quê vc não consegue reencantar o docente em sua tarefa que lhe faz imortal através da magia de suas palavras? Aonde está o seu real conhecimento? (*Sentir* ri e movimenta a cabeça com uma risada irônica).

**Pensar.** Pois, psss. Não entendo a sua ironia. Por quê este riso bobo?

**Sentir.** Estou rindo do prazer que dá o próprio riso, de saber que posso desfrutar como ninguém do humor, do amor, de qualquer espetáculo sem necessitar possuí-lo, explicá-lo, nem sequer compreendê-lo. Desfruto do carinho, do entusiasmo, de sentir que estou vivo, que posso compartilhar meus sentimentos com os demais. Sabe de uma coisa? Quando percebo a beleza ou me deprime a solidão, necessito compartilhá-lo, porque compartilhar o prazer do belo o faz incrivelmente mais belo e a dor diminui em igual proporção. Estranha verdade, não? Este é meu segredo, amigo. A carícia, a ternura, o amor, não cansam por mais que os namorados o repitam. O conhecimento e a mera informação aborrecem. Isto não lhe diz nada?

**Pensar.** Vc me deixa desconcertado porque sinto como se estivesse utilizando os meus próprios argumentos para rebater os meus, como se algo meu estivesse em vc e algo seu estivesse em mim. Me parece muito estranho, não? Pensarei. Pensarei no que possa haver de verdadeiro no que vc diz.

**Sentir.** Sim, pensa. Mas trata de sentir o que vc pensa. Trata de tentar pensar o que o outro pensa, de se por no lugar do outro. Somente quando os seus pensamentos estiverem impregnados dos seus sentimentos é que poderemos fazer alguma coisa juntos.

**Sentipensar.** (Que até este momento havia estado escutando desde as profundezas da vida). Interessante discussão! Me recorda aquela época cartesiana na qual tudo estava tão bem estruturado e diferenciado que o mundo se dividia em duas partes opostas: corpo e alma, homem e mulher, bom e mau, pensamento e matéria. Inclusive o conhecimento estava tão fragmentado e divorciado que não era possível juntar natureza e sociedade.

**Pensamento.** E o que tem de mal nesta clara diferenciação de conhecimentos?

**Sentipensar.** É que temos fragmentado de tal modo o conhecimento que se torna irreconhecível e em função disto perdemos o equilíbrio e muitas vezes atuamos mais por paixão ou por razões econômicas e materiais. Não importa a quem doa, não importa quem sofra ou se um povo inteiro perde a liberdade em nome da segurança. *Pensar* e *sentir*, ambos são essenciais para mim. Cada um têm a sua própria missão no desenvolvimento da pessoa e da sociedade. Não são conceitos contrários, mas sim complementares. Vocês são da mesma família!

**Pensar e Sentir.** O que vc diz? Do que você fala?

**Sentir.** Não consigo lhe entender. Eu tenho muito claro que uma idéia sem sentimento morre, assim como morre uma planta sem luz ou um ser vivo sem oxigênio. Eu lhe dou a possibilidade de crescer e desenvolver-se.

**Pensar.** Vc quer nos dar lições? Não entendo o que eu possa ter em comum com esses labirintos emocionais. Eu sou capaz de gerar e produzir energia mental, idéias novas... Sou inatingível, rápido e consistente. O que você pode dizer que eu não saiba?

**Sentipensar.** Utilizarei a analogia. Havia uma vez um ser humano feliz em sua aldeia. Sem ter nada, apenas tinha tudo. Bastava-lhe o amor aos seus e o suficiente para alimentar-se e vestir-se. Mas um dia chegou ao lugar um vendedor oferecendo novas quinquilharias para “se viver melhor”. A civilização lhe oferecia uma quantidade de objetos que não necessitava. Embora, a princípio, tenha resistido a consumi-los, não tardou a deixar-se levar pelo impulso consumidor, acreditando que a felicidade estava nas coisas que adquiria. Mas, curiosamente, quanto mais coisas acumulava, mais crescia sua insatisfação, pois não tinha recursos para estar ao mesmo nível que seus vizinhos. Esta situação levou à discriminação, ao enfrentamento e ao roubo de propriedades. Já era impossível voltar à situação anterior. As relações haviam se alterado, bem como as crenças e as normas de convivência. Até tal ponto chegou o conflito que elementos tão básicos como a água começou a faltar. Alguns poderosos se apropriaram da água de tal modo que famílias inteiras desfaleciam e morriam por não poder adquirir este bem tão natural, gratuito e essencial para a vida. Então se desencadeou uma guerra mais destruidora de todas que já se tinha conhecimento.

**Relator.** Pensar e sentir se olharam sem entender a que vinha este relato, mas ao escutar a respeito da água e da guerra, ficaram surpreendidos.

**Sentipensar.** Agora vocês verão de que modo se complementam um ao outro. Recorro às suas próprias palavras. A água é um elemento abundante na natureza que o pensar não pode ilustrar muito bem

com os seus conhecimentos químicos. Inclusive pode até nos explicar os seus estados, e de que modo pode encontrar-se em forma de hidrogênio e de oxigênio, enquanto morremos de sede. A sede, assim como a água, pode explicar-se cientificamente, mas nunca a explicação da água substituirá a sensação de morrer de sede. A água, formada por oxigênio e hidrogênio, é uma substância muito diferente de seus componentes, com propriedades bem diferentes de cada um deles em separado. A água, como analogia, nos mostra como **hidrogênio e oxigênio (pensar e sentir)** são capazes de criar essa substância tão essencial para a vida: a água tanto no biológico como no **sentipensamento**, no psicológico e no educativo. Sou como a água. Preciso de ambos para ser como sou, para dar vida, para sobreviver. O que vocês me dizem? Entendem agora que ambos não são opostos, mas sim complementares? Compreendem que a adversidade não deveria ser motivo de discriminação, mas origem de uma rica complementaridade?

**Relator.** Pensar e sentir ficam absortos, escutando pensativos, tentando assimilar o que ouviam, tentando compreender este modo de argumentar, tão estranho ao pensar como próximo ao sentir. Por sua expressão, alguém diria que ambos compartilham desta nova maneira de entender não apenas a educação, mas também o funcionamento da vida e do mundo. Somos todos cidadãos da terra.

**Pensar.** Você deu argumentos insólitos e poderosos. Nunca havia imaginado que a analogia tivesse tanta força de convicção. Você abriu um novo horizonte e lhe agradeço. Estou mais receptivo a perceber impulsos e sentimentos.

**Sentir.** Este relato me fascinou. Digo-lhe de coração. Agora entendo melhor o meu papel. Sou mais quando sou com outro. Finalmente compreendo aquilo que diz: *“Um sonho é somente um sonho se o sonhamos sozinho. Mas se o sonhamos com outro, começa a se transformar em realidade”*.

**Sentipensar.** Exato. Por isto, só me resta dizer que quando amor e criatividade trabalham juntos, é fácil esperar uma marca indelével, uma obra mestra, um momento feliz.

**Sentir.** Quem põe o coração no que faz, consegue recursos onde os incapazes se dão por vencidos.

**Pensar.** Agora sei que, embora lhe tirem tudo, sempre ficará o mais importante.

**Sentipensar.** É isto mesmo, meus amigos. Dentro está tudo o que fora nos falta. Sentir e pensar, vocês são os meus olhos, os meus ouvidos, as minhas mãos, o meu EU completo. Somos um, vocês e eu.

Percebe-se nesse diálogo que trata-se de um processo no qual trabalha-se conjuntamente os sentimentos e os pensamentos. Essa abordagem é uma síntese de duas maneiras de ver e interpretar as realidades e os contextos no ato de conhecimento sensível, refletindo sobre os impactos do **sentir** e do **pensar**, assim como na ação-reflexão-ação.

## 1.1 ESCRITA DE SI - MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS

Acredito, pois, que este texto não passa de simples narrativa de uma história de vida que, pretendo, possa incentivar outras tantas que ainda estão adormecidas e que, com certeza, poderão contribuir para a construção do conhecimento em nosso campo de atuação e para aplicação de processos museológicos mais humanos, alegres e prazerosos. (SANTOS, 1986, p.2)

Como tão bem explicitado em seus escritos, a professora Maria Célia apresenta de forma efetiva e afetiva como as apropriações museais afetam diretamente sua trajetória profissional e pessoal.

Quando falo em "afetivo, afeto, afetamentos", quero me referir às conexões e aos elos sensíveis, às ligações e aos simbolismos que os objetos musealizados e/ou musealizáveis possam ter e apresentar nas atividades de Educação Museal e que se relacionam aos sentimentos, às afeições, aos apegos, às lembranças que cada um tem em suas memórias e em sua história de vida. Isto é, trata-se desde a concepção e os arranjos elaborados a partir dos desejos, dos anseios e das **amorosidades** de quem trabalha com as atividades desenvolvidas nos Museus.

E em relação ao "efetivo", quero apresentar e discutir sobre, aspectos técnicos e metodológicos no sentido de alimentação de informações interdisciplinares na Museologia, elaborando um panorama a partir do cenário, do contexto e dos percursos que se entrelaçam na perspectiva da Educação Museal. Isto é, tratar da musealização educativa a partir de conceitos e processos teórico-metodológicos com **seriedade**, que sinalizam para a apropriação dos objetos musealizados e/ou musealizáveis estabelecendo alguns resultados diante das reflexões levantadas nesta pesquisa.

Para a construção do discurso e da argumentação, tomei como referencial os registros de projetos com os quais estive envolvida, bem como as reflexões realizadas ao longo da minha carreira como museóloga e como professora dos Cursos de Museologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, da Universidade Lusófona de

Humanidades e Tecnologias de Lisboa, a experiência como coordenadora do Eixo 3 da Política Nacional de Museus e, mais recentemente, como Diretora de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia – IPAC. Muitos desses registros estão presentes em publicações de minha autoria. (SANTOS, 1986, p. 2)

A partir de textos selecionados nos Cadernos de SocioMuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, Lisboa/Portugal, entrevistas e reflexões, que se buscou explicitar museologicamente como os afetos se apropriam e são apropriados em todas as atividades educativo-culturais desenvolvidas nos espaços museais.

Considerando que as narrativas, trajetórias, biografias e escrita de si mesma se apresentam como importantes fontes de dados e marcam uma parte significativa da história de vida e das suas relações sociais, a temática museal é tratada no contexto de realidades e histórias marcantes no percurso e em alguns desvios e questionamentos nas diferentes áreas de atuação, nas relações sensíveis e sua interdisciplinaridade. As estruturas, os pensamentos e a produção de Maria Célia Santos, apontam e organizam o pensar e o fazer museal de gerações de museólogos, atuantes nas mais diferentes áreas. Nestas diversas frentes de atuação, ela representou uma posição de transformação e de ação-reflexão-ação que marcadamente se instituiu nos saberes e fazeres museológicos da contemporaneidade.

Abaixo trago um breve resumo extraído do Currículo Lattes:

Maria Célia Teixeira Moura Santos é professora aposentada da Universidade Federal da Bahia, do Curso de Museologia. Foi aluna da primeira turma (1973) de graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Fez Mestrado em Educação (1981) e doutorado em Educação (1995), todos pela UFBA. É consultora nas áreas da Museologia, da Educação e da Gestão e Organização de Museus e professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT, Lisboa/Portugal. Integrou o Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, Ministério da Cultura. Fez parte do Conselho Editorial da Revista do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás; integra o Conselho de Redação do Centro de SocioMuseologia da ULHT, Lisboa/Portugal; integra o

Conselho Consultivo da Associação Brasileira de EcoMuseus e Museus Comunitários – ABREMC. Foi conselheira do Conselho Internacional de Museus – ICOM/BR e Coordenadora do Eixo 3 da Política Nacional de Museus do Ministério da Cultura. Foi Diretora de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia. É membro do ICOM e da Associação Brasileira de Museologia. Tem experiência nas áreas da Museologia e da Pedagogia, atuando nos seguintes temas: plano museológico, ação educativa dos Museus, política nacional de Museus, Museus comunitários, formação e capacitação em Museologia. Tem vários livros e artigos publicados. (Informações obtidas no Currículo Lattes em 25nov2019)

Com esse brevíssimo currículo, e com a investigação e análise pretendo contribuir para entendimento de processos museológicos a contar das práticas e da ação-reflexão-ação que se constituem pela produção intelectual "*céliana*", com parte de sua escrita, publicada nos Cadernos de SocioMuseologia. Trata-se de uma pesquisa teórica, com múltiplas facetas a serem consideradas e em constante desenvolvimento, apropriando-se museologicamente e organizando-se com base nas afetividades, amorosidades e seriedades. Afetividades estas que englobam as amorosidades e seriedades, mobilizando e impactando tanto efetiva quanto afetivamente a atuação crítica e reflexiva descritas nos textos selecionados.

A afetividade resulta em respeito, conhecimento e cuidado. O museu deve ser um espaço que seja permeado por um clima afetivo integrador, onde o diálogo participativo se configure como ferramenta fundamental para as relações humanas. [...] O museu, assim como a escola e outras instituições que promovem a cultura, deve ser um espaço de prazer, um pólo cultural que desperte uma série de sentimentos positivos, ou seja, um ponto de encontro para toda a comunidade, deve ser um ambiente de estímulos e trocas sócio-culturais, permeadas pelo afeto. O ser humano será mais facilmente capaz de se superar e produzir conhecimentos em um clima de respeito e afeição, cabe então a estas instituições propiciar um ambiente que estimule a criação, o novo. (SOTO, 2011, p. 293)

Durante décadas, a instituição museu foi se metamorfoseando e em decorrência dessas mudanças, é possível considerar os museus como instrumento de política e de lutas. Porém no âmbito das políticas públicas no Brasil, se faz necessário ainda muitos esforços para o fortalecimento dessas políticas pelo viés da Museologia Social.

A proposta celiana de sentir-pensar a Museologia fundamenta-se em uma forte articulação entre a educação e a política. Suas práticas - ações-reflexões-ações são centradas na ideia de um trabalho compartilhado e colaborativo, caracterizado pela inserção crítica e sensível na construção de uma realidade histórico-social, política e coletiva, que surgem dos interesses de todos os envolvidos nos processos museológicos educativos que contribuem no desenvolvimento da sociedade.

As relações e contribuições efetivas e afetivas entre os indivíduos acontece em um ambiente fundamentado nos princípios da democracia em uma comunicação dialógica, assim como no diálogo entre o *sentir* e o *pensar*.

## 1.2 ORGANIZANDO AFETIVIDADES COM APROPRIAÇÕES MUSEAIS

Nesse processo, busca-se de maneira efetiva a interação dos técnicos com os demais sujeitos envolvidos, motivando a realização de novas práticas sociais. ( SANTOS, 2008, p. 65)

Considero que os processos museológicos e suas práticas estejam em constantes reflexões, embasados por suas ações-atuações, fundamentados e processados entre a teoria e prática, possibilitando que ambas (a teoria e a prática) sejam significativas, fortalecidas e integradas às dimensões do cotidiano social, cultural, político e educativo. Ou seja, esses processos museais estão pautados em contextos interativos e participativos, que também possibilitam a integração e aplicação da ação-reflexão-ação a partir da realização de novas práticas sociais.

O pensamento "*celiano*" é desenhado por meio de suas referências, suas produções, ações e indagações no campo da Museologia e da Educação, que colaboram na assimilação de sua história de vida por meio das suas próprias reflexões e que expressam e contam toda a sua experiência no campo da Educação Museal. Conforme Santos (1986, p.3)

Quando se chega à maturidade, é difícil selecionar alguns contextos e cenários que compuseram o nosso caminhar, sobretudo porque **memória e esquecimento andam de mãos dadas**. Lidamos com este fato, cotidianamente, em nosso campo de atuação, e já não são poucos os autores que nos dão os fundamentos para uma análise mais

aprofundada sobre esse tema. Deixo claro, portanto, que farei, aqui, um exercício de reflexão sobre a minha formação e atuação profissional, com o meu olhar de hoje, sem pretensão de resgates – também sabemos que ele é impossível de ser feito. Lembrando Jaques Le Goff, buscarei, em minha memória, certas informações, reenviando-as, em primeiro lugar, para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais irei atualizar impressões ou informações passadas, apresentando-as como passadas. (grifo nosso)

Suas narrativas e reflexões são carregadas de paixão e sonhos, de compartilhamentos e de indignações. Sendo também por ela mesma descritos como exercícios prazerosos, que fazem parte corrente de sua vida. Por isso, o enfoque colocado na epígrafe desse Capítulo 1, que trata de ressaltar o processo museológico, como algo extremamente humanizado, alegre e prazeroso.

Ressalto também, que já vem de longa data, a oportunidade de encontros e de minha participação em vários eventos nos quais sempre me encantou ouvir, aprender e refletir sobre as narrativas apaixonantes dessa museóloga - educadora, que é referência fundamental para as pesquisas sobre Museologia Social e Educação, e sua interdisciplinaridade no viés do conhecimento sensível<sup>5</sup>.

Tratar portanto, da trajetória de vida de Maria Célia Santos é um grande desafio. Ela mesma já se autobiografou intensamente em textos; artigos e entrevistas. Toda a sua narrativa descritiva se mescla entre a sua história profissional e pessoal. Por isso também trata de abordagens que entrelaçam apropriações museais interdisciplinares com organizações efetivas e afetivas, isto é: organizando afetividades com apropriações museais.

Num ciclo contínuo, as contradições e os conflitos por ela identificados, em seus avanços e recuos, provocam contentamento, indignação e algum desalento. Assim, como constata-se em seus escritos, uma capacidade nata de construir e de refletir sobre as práticas que estimulam avanços, e motivam seguidamente para novos desafios,

---

<sup>5</sup> O estudo do conhecimento sensível justifica-se por sua contribuição para a construção dos saberes e da cultura. Ele acompanha a evolução do ser humano ao longo de sua história, seja de maneira formal, informal ou mesmo não-formal. [...] O desenvolvimento do conhecimento sensível possibilita construir uma visão e uma atitude em que as decisões compartilhadas passam a ter relevância na vida cotidiana da organização. (PILLOTTO, 2006, p.11/14)

buscando na construção e reconstrução de novas narrativas, novas formas de atuar e refletir ações na área museológica e educativa, com circularidade no processo de ação-reflexão-ação. Para além da Museologia e da Educação, suas narrativas enfocam continuamente os diferentes contextos e realidades, e se entrelaçam com diversas outras áreas do conhecimento - marcando significativamente a característica interdisciplinar da Museologia.

Reforço então o processo dialógico da atuação dessa museóloga educadora, que em suas ações, carregadas de reflexões e avaliações constantes, trabalha seu cotidiano profissional e pessoal absorvida pelas apropriações afetivas, efetivando uma trajetória museológica expressiva em sua produção, nas suas escritas e na sua atuação.

### 1.3 COMO AFETOS SE APROPRIAM E SÃO APROPRIADOS NA EDUCAÇÃO MUSEAL

Que os nossos projetos estejam em sintonia com os problemas da sociedade, principalmente no momento em que estamos vivendo. Esse compromisso social com a Museologia foi gestado na minha juventude, na minha adolescência, participando de Grupo de Juventude Estudantil Católica, como militante em Grêmios no Ginásio. (SANTOS, 2021)

Desde seus textos iniciais, sua história remete aos tempos colegiais em uma cidade do interior da Bahia - Itapetinga, descreve a autora:

No ginásio, atuávamos organizando cursos, excursões, palestras e eventos diversos envolvendo professores, alunos e familiares. Aluna engajada, com missões a cumprir, participava da diretoria de grêmios, de projetos sociais com a comunidade da periferia da cidade, de projeto para alfabetização de adultos, utilizando o método Paulo Freire, quando tomo o meu primeiro contato com a obra do autor e me apaixono. Seguir o Curso Normal foi uma escolha muito consciente. Ser professora era realmente uma vocação. [...] Relendo o meu relatório de estágio do curso Normal, datado de 21 de outubro de 1969, constato que, no Colégio Manoel Novais, onde realizei o meu estágio, fiz pela primeira vez uma palestra, que aconteceu em uma reunião da Associação de

O fazer museal, partindo das sensibilidades, isto é, do conhecimento sensível, enfatiza a percepção, a intuição, a emoção, a imaginação e a criação, assim como trabalha com leituras, análises e reflexões da realidade cotidiana. Esse conhecimento sensível, seja de maneira formal ou informal, se consolida com experiências vivenciadas em diferentes linguagens e expressividades. Com isso, caracterizando marcadamente a interdisciplinaridade em seu viés sensível. Assim como explicitando, por meio dessas sensibilidades, como os afetos se apropriam e são apropriados na Educação Museal, em especial no que diz respeito à sua musealização sensível, em uma prática que relaciona o *"rico processo de aprendizagem instrumental e dialógica, da competência, da solidariedade e do estabelecimento de uma ética de confiança, [...] em interação com os sujeitos sociais, na dinâmica da vida"*.

Do ponto de vista filosófico, a aplicação dos processos museais participativos e comprometidos com o social trouxeram dados importantes, no sentido de compreendermos que ao paradigma do sujeito conhecedor e transformador, é agregada, agora, a possibilidade de entendimento entre sujeitos, capazes de linguagem e ação. É importante ressaltar que, ao assim procedermos, estamos colocando em prática um **rico processo de aprendizagem instrumental e dialógica, da competência, da solidariedade e do estabelecimento de uma ética de confiança**. Além do mais, a musealização de temas e problemas que estão latentes na sociedade nos instiga a desenvolver novas metodologias de aplicação das ações museológicas, buscando, com a nossa criatividade, soluções para problemas que não aprendemos a enfrentar e solucionar somente com os conhecimentos adquiridos na academia. Ampliamos o campo de aplicação das ações museológicas e constatamos que é possível a sua implementação fora da instituição Museu, **em interação com os sujeitos sociais, na dinâmica da vida**. (SANTOS, 1986, p.28) - (grifos nosso)

Essas sensibilidades, e suas *"interações com os sujeitos sociais, na dinâmica da vida"*, (SANTOS, 1986) contribuem efetiva e afetivamente para o desenvolvimento de um pensamento do todo, o que envolve as variáveis do cenário interno e externo, das individualidades e dos coletivos/sociais. Contribui também nas relações entre os diferentes profissionais e teóricos envolvidos, na medida em que ajuda a compreender emoções, conflitos, dúvidas, visão de mundo, bem como de se compreender a si mesmo.

O desenvolvimento do conhecimento sensível possibilita construir uma visão e uma atitude em que os compartilhamentos e os compromissos, tanto individuais como coletivos e sociais, passam a fazer parte significativa dos contextos e das realidades cotidianas. Com isso, quero ressaltar nesta pesquisa a relevância da Educação Museal no desenvolvimento e na transformação social, educativa e cultural efetiva e afetivamente.

Para isso, no viés do conhecimento sensível a ação-reflexão-ação desenvolvida na Educação Museal requer principalmente tomada de decisão que possa efetivar mudanças pensadas e planejadas de forma coletiva, participativa e colaborativa. Museologicamente, a construção de atividades educativas possibilita ações-reflexões-ações museais amorosas, sérias, lúdicas, humanizadas, alegres e prazerosas.

Aliada a essa proposição, e a partir de parte dos textos escritos nos Caderno de SocioMuseologia, vale salientar que a participação de todos os envolvidos nos projetos e práticas narrados pela escrita "*celiana*" tem na SocioMuseologia a sua fundamentação e referencial metodológico e conceitual. Um dos seus precursores e criador dessa fundamentação foi Mario Moutinho<sup>6</sup>.

Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. (SANTOS, 2002, p. 70)

A definição de SocioMuseologia<sup>7</sup> surge em 2007, e trouxe um novo momento aos museus. Momento esse no qual os Museus se propõem a intervir socialmente no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível.

---

<sup>6</sup> **Mario** Caneva de Magalhães **Moutinho** é arquiteto pela Ecole Nationale Supérieure des Beaux Arts (Paris) e concluiu Doutorado em Antropologia Cultural – Université de Paris VII em 1983; é membro fundador do Movimento Internacional para a Nova Museologia - MINOM-ICOM. Atualmente é Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atua nas áreas de Sociomuseologia, Globalização, Ecomuseologia.

<sup>7</sup> Sobre o conceito de **SocioMuseologia** ou Museologia Social; segundo Mário Moutinho, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionamentos da sociedade contemporânea. [...] O alargamento da noção de patrimônio, e a consequente redefinição de "*objeto museológico*", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como fator de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autônomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada.

Com o impulso da Nova Museologia, do Museu Integral<sup>8</sup> e da SocioMuseologia, emerge substancialmente na área museológica o reconhecimento da relevância nas relações e nas questões sociais, assim como a importância dos indivíduos e dos coletivos/ comunidades neste processo. Passados 10 anos, Hugues de Varine<sup>9</sup>, em 2017, traz a sua interpretação da SocioMuseologia, e em seus estudos e reflexões sustenta que na sua base é essencial o respeito pelos humanos, pela Humanidade, pelos Direitos Humanos e pela inclusão.

#### 1.4 AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO MUSEAL: AMOROSIDADES E SERIEDADES

Neste contexto reflexivo museal, para Maria Célia Santos, a memória e o esquecimento se complementam e compartilham juntos ações-reflexões-ações que perpassam a história de vida de todos que se dedicam às pesquisas e produções.

Como memória e esquecimento andam juntas, como salientei na introdução deste texto, tenho certeza de que em minha narrativa deixei muitas lacunas. Espero poder recuperá-las, em outros momentos. Também espero que as reflexões feitas sobre este texto, pelos que a ele tiverem acesso, bem como outras experiências de vida me permitam enriquecê-lo, com outros olhares. (SANTOS, 2014, p. 14)

---

<sup>8</sup> O conceito de **Museu Integral**, que deve levar em consideração a totalidade dos problemas da sociedade e que se destina a proporcionar, à comunidade, uma visão de conjunto de seu meio material e cultural foi introduzido no Seminário Internacional de Museus Regionais da Unesco (Brasil, 1958); na Declaração de Santiago (Chile, 1972); na Declaração de Quebec (Canadá, 1984); na Declaração de Caracas (Venezuela, 1992).

<sup>9</sup> **Hugues de Varine** é Arqueólogo, Historiador e Museólogo. Foi Diretor do Conselho Internacional de Museus – ICOM, de 1965 a 1974. Atualmente é consultor independente, com atuação em diversos países, trabalhando com temas relacionados com os desenvolvimentos cultural, social, econômico e com o patrimônio.

Uma das referências salientada nestas escritas preliminarmente selecionada, Maria Célia Santos relata seu contato com Waldisa Russio<sup>10</sup> nos anos 80. Fica marcante a sua importância nas contribuições à Museologia Brasileira, quando se deu início às discussões teóricas, sobre o caráter científico da Museologia, ampliando para diferentes áreas e regiões do Brasil. A concepção de Museu e de Museologia foi impregnada de humanismo, e, já àquela altura, ressaltava-se a necessidade da interdisciplinaridade, como pode ser observado a seguir:

O museu tem sempre como sujeito e objeto o Homem e seu ambiente, o Homem e sua história, o Homem e suas ideias e aspirações. Na verdade, o Homem e a Vida são sempre a verdadeira base do museu, que faz que o método a ser utilizado em Museologia seja essencialmente interdisciplinar, posto que o estudo do Homem, da Natureza e da Vida, depende do domínio de conhecimentos científicos muito diversos. (RUSSIO, 2010, p. 125)

Diante dessa constatação, Maria Célia Santos e Waldisa Russio já se encontram em sintonia nas suas pesquisas e reflexões sensíveis desde os anos 80, quando participaram de eventos e encontros nos quais puderam trocar suas experiência e lutas pela Museologia Brasileira

Ressalto então, que em suas escritas, ela - Maria Célia Santos repetidas vezes, utiliza termos como: contextos/contextualização e realidades cotidianas. Estes termos implicam inerentemente na interdisciplinaridade, uma vez que diferentes contextos e realidades conformam-se por diferentes áreas e segmentos do conhecimento sensível.

Acompanhando, portanto, as escritas selecionadas, considero relevante a constatação de que são vários os autores/teóricos que embasam a produção de Maria Célia Santos. Entre eles são referências: Hugues de Varine, Mario Moutinho, Mario Chagas, Paulo Freire, entre outros. Essas referências fortalecem e agregam significados e compreensões ao objeto e objetivos dessa pesquisa. Como também não posso deixar de citar nomes de algumas museólogas com quem Maria Célia, partilha e divide seus pensamentos e ideais como Waldisa Russio, Maria Cristina Bruno, Marília Xavier Curi, Manuelina Duarte, Judite Primo, entre outras.

---

<sup>10</sup> Waldisa Rússio Camargo Guarnieri foi uma advogada, professora e museóloga brasileira, reconhecida como uma das personalidades mais influentes no desenvolvimento do pensamento teórico da museologia e de sua consolidação como campo disciplinar no Brasil.

A troca de experiências, leituras, reflexões e interpretações entre os diferentes teóricos e profissionais, assim como os diferentes segmentos da sociedade e diferentes campos do conhecimento permitem o aprimoramento de todos. Com isso, privilegiando o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, da prática de cidadania e de uma atuação interdisciplinar, carregada de amorosidades e seriedades, compartilhamentos e processos museológicos mais humanos, lúdicos e prazerosos.

Considerando portanto, os diferentes graus e diversidades do conhecimento sensível, esta pesquisa de TCC demonstra como aspectos efetivos e afetivos da Educação Museal entram em cena e ao mesmo tempo em que são apropriados, também se apropriam e são afetados por suas sensibilidades, seus apegos, suas memórias. Com isso, também se apropriam de novas referências e de novos compartilhamentos interdisciplinares.

## **CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Compreendemos que a qualidade implica participação, conquista, busca da auto-gestão, da democracia e da liberdade. A musealização é então processada na prática social - no interior do Museu ou fora dele-, em sua dinâmica real, no tempo e no espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano, ampliando suas dimensões de valor, consciência e sentido. (SANTOS, 2008, p.102)

A partir da concepção de que os Museus se constituem em instituições que fazem parte integrante da sociedade na qual estão inseridas e que contribuem e permitem esclarecer problemas da contemporaneidade, "engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades" (Declaração de Santiago, 1972), considero no referencial teórico e nos procedimentos metodológicos aspectos referentes à educação em seus aspectos de ensino formal, não formal e/ou informal. Compartilhando nesse sentido, a função educativa dos museus e seu compromisso social, diferenciando os processos educativos e museológicos.

### **2.1 ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL E/OU INFORMAL**

No decorrer da pesquisa, a questão sobre a relação Museu-Escola-Públicos-Comunidade foi levantada tanto nas investigações e buscas para o arcabouço teórico em específico desse TCC, quanto na participação das demais disciplinas do curso do curso de Museologia - UFSC, e nos referenciais indicados, estudados e analisados.

Este ponto-recorte, dentro da vasta temática museológica concentrou-se nas atividades educativo-culturais e sua relação com o Ensino Formal e Não Formal e/ou Informal.

Acreditamos ser possível construir conhecimento na troca, na relação entre o formal e o não-formal, no respeito à experiência e à criatividade dos muitos sujeitos sociais que estão fora das academias e que podem nos indicar caminhos e soluções muitas vezes por nós despercebidos, os quais, também, seriam enriquecidos a partir das nossas reflexões e do conhecimento por nós produzido. Assumimos que havia possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativos dessa situação. (SANTOS, 2022, p 48)

Tratei, então, de algumas das discussões, que por ser extensa e intensa, foi necessário delimitar apontando, tanto os contextos educacionais formais quanto os contextos não-formais, nos quais as ações educativo-culturais estimulam os professores, seus alunos e demais público envolvido, a serem autores-atores-sujeitos protagonistas nos processos ensino-aprendizagem e na relação Museu-Escola-Público-Comunidade. Confere-se então com esta premissa de que o Museu pode e deve ser apropriado como um espaço privilegiado da educação, associando questões nas quais, a experiência do Museu, com o Museu e no Museu é diferente, única e especial.

Considerarei nessa pesquisa, como característica pertinente à **educação formal** àquela educação na qual os professores e a escola estão presentes. Na educação **não-formal**, o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos. E na **educação informal**, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, incluindo os espaços culturais de memória e instituições museais

Segundo Gohn (2010), enfatiza que a Educação Não Formal aborda processos educativos que acontecem fora da escola, em organizações sociais, movimentos não governamentais (ONGs) e outras entidades atuantes na área social.

A autora busca distinguir a educação formal da não formal e da informal, traçando uma (tênue) linha que separa as duas últimas. Da educação formal, ressalta o espaço territorial da escola, a sua regulamentação e normatização, assim como a presença dos currículos. Já na modalidade não formal, referencia a tese da intencionalidade, o aprendizado espontâneo e a instrumentalidade presente na figura do educador social, além de critérios de solidariedade e identificação de interesses comuns; na informal, destaca os processos de socialização gerados no interior de relações intra e extra familiar (GOHN, 2010 p. 34)

Para além da educação formal, não formal e informal, o Museu se constitui em um espaço de integração-interação com a sala de aula, estendendo-se para a comunidade e seu entorno. Abrem-se múltiplas possibilidades de trabalhar ações educativas que enfatizam a história de vida e valorizam o patrimônio material e imaterial, cultural, ambiental, histórico e artístico. As exposições e os temas abordados nos espaços museais configuram-se em diversas e múltiplas formas, tornando-se ambientes propícios à divulgação e compreensão lúdica, prazerosa e interativa das artes, das histórias e demais áreas e disciplinas do conhecimento, como algo relacionado diretamente ao cotidiano das pessoas.

Com vistas ao exercício e à reflexão de um ensino mais abrangente e mais globalizado, o Museu como espaço privilegiado de ensino não formal/informal possibilita aos educandos e aos diferentes públicos vivências e experiências práticas, de uma forma mais crítica e criativa. Portanto, o Museu pode oferecer, nessa estrutura de trocas e compartilhamentos do formal e do não formal e/ou informal, possibilidades de reflexões e análises práticas sobre o conhecimento e os saberes tradicionais. Em uma linguagem mais participativa, compartilha com tempos e espaços de memória, que podem ser contextualizados, aliando teorias e práticas, sociabilizando o conhecimento, de forma participativa, cooperativa e colaborativa.

Nessa perspectiva, a proposta é cativar e instigar o público visitante, em todas as faixas etárias, educandos, educadores, aprendizes. Considerando o sujeito aprendente como um indivíduo único, com estruturas distintas, buscando escutar, investigar, interagir, propor reflexões, sobre os objetos musealizados e suas coleções, seus conteúdos e sua importância como patrimônio cultural. Patrimônio Cultural aqui entendido em sua totalidade refere-se aos bens culturais produzidos pelo ser humano ao longo de suas vivências: o patrimônio material, imaterial, natural e cultural, abrigados nos espaços musealizados e no seu entorno.

Uma visita ao museu pode proporcionar aprendizagem tanto de elementos cognitivos como afetivos. [...] Os ganhos afetivos são aqueles que mais enriquecem a educação em museus e parecem ser os mais possíveis de se realizar. A motivação para conhecer mais

sobre os temas tratados e o crescimento pessoal são exemplos de ganhos afetivos. Deixemos claro que o afetivo não é simplesmente gostar, mas também ter esse sentimento voltado para os temas tratados e os objetivos propostos para as atividades programadas. (ALMEIDA, 1997, p 51)

Paulo Freire partiu da ideia de que a alfabetização poderia ser efetivada por meio de algumas *palavras geradoras*, do uso e da visualização dessas palavras no cotidiano dos aprendizes. Palavras estas que tivessem uma significativa importância na vida de quem estaria sendo alfabetizado.

Nesse sentido, Ramos (2004) apropriando-se dessas *palavras geradoras*, utiliza o *objeto gerador* (aquele abrigado e exposto em um Museu) e propõe uma alfabetização cultural, tendo esse objeto musealizado como fonte de inspiração, propondo diante da relação entre o *objeto* e o *sujeito*

[...] perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. (RAMOS, 2004, p.32).

Dialogando com Paulo Freire, Ramos<sup>11</sup> (2004) aponta que as ações educativas nos espaços não formais, tendo os Museus como um desses espaços, se apropriam dos **objetos** (que assim como as **palavras** da pedagogia freiriana) tornam-se geradoras e fontes de inspiração do conhecimento.

É possível organizar uma ação educativa complexa, que seja resultante de uma rede de interações entre diversos recursos educativos. Não se trata de somar ou adicionar componentes isolados, mas de integrar os mesmos ao redor de objetivos educacionais comuns. Nesta rede insere-se a educação formal ou uma redefinição de seu papel frente à comunidade e aos recursos educativos não-formais e informais da mesma. (SANTOS, 2002, p. 40)

---

<sup>11</sup> Francisco Régis Ramos é professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará - UFC e pesquisador do CNPq com bolsa produtividade (nível 2). Possui graduação em História pela (1992), mestrado em Sociologia pela UFC (1996) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Tem experiência na área de História, com ênfase em História, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, escrita da história, tempo e literatura.

Por meio de estudos e análises decorrentes das atividades desenvolvidas pelos educadores/educandos, nas relações/parcerias entre a escola, o Museu, a comunidade em seu contexto, conforme Ramos:

Seria bastante proveitoso avaliar o impacto das ideias de Paulo Freire sobre as propostas educativas da museologia. Influenciadas de alguma forma por Paulo Freire, algumas tendências da museologia contemporânea, no Brasil e em outros países, estão produzindo resultados de grande valor pedagógico na medida em que lidam com o cotidiano, a partir do saber vivenciado no dia a dia. (RAMOS, 2004, p. 33)

A interação Museus-Escolas-Professores-Alunos-Público, possibilita o alargamento do olhar dos envolvidos no processo sobre o conhecimento tradicional, por meio da contextualização, o que implica inerentemente na interdisciplinaridade, porque diferentes contextos conformam-se devido a diferentes áreas do conhecimento, que segundo Maria Célia Santos

[...] as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação estão integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação. (SANTOS, 2008, p. 136)

O conceito de Museu, para a grande maioria de professores e alunos, ainda permanece como “um local onde se guarda coisas antigas-coisas velhas”, sendo

que o patrimônio cultural é compreendido como algo que se esgota no passado, cabendo aos sujeitos sociais, contemplá-lo, de maneira passiva, sem nenhuma relação com a vida, no presente. Cultura, patrimônio e tradição são produtos dissociados do cotidiano do professor e da vida dos seus alunos. (SANTOS, 2008, p. 132-133)

Tendo em vista que a Educação Museal desenvolvida nos espaços museológicos colabora sobremaneira na participação mais efetiva dos professores e na relação com as famílias e as comunidades nas quais os alunos convivem, torna-se de fundamental relevância contextualizar as experiências e as vivências numa relação mais efetiva e afetiva entre Museu-Escola. Essas vivências experienciadas com as amorosidades e seriedades que marcadamente encontram-se nas escritas e nas ações-reflexões-ações.

Vale ressaltar que a relação entre o Museu, a Museologia e a Educação Museal implica em relacionar o ensino formal, o não formal e o informal, conforme enfatizado por Santos:

Considero que os métodos e as técnicas a serem utilizados em projetos a serem desenvolvidos pelos Museus e pelas escolas, devem ser apoiados nas concepções de educação, de museologia e de Museus adotados pelos sujeitos sociais envolvidos no planejamento e na execução dos mesmos, devendo, pois, ser adaptados aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo repensados constantemente, modificados e enriquecidos com a nossa criatividade, com a nossa capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e reflexão, no qual teoria e prática estejam sempre em interação. (SANTOS, 2008, p. 128)

Assim como os Museus, as escolas também necessitam ampliar seu campo de ação, e para isso contam com propostas de ações de ensino não formal, entre elas uma relação mais efetiva, integrada e participativa com as atividades desenvolvidas pelos Museus.

Quando pensamos em uma escola que sociabiliza o conhecimento e foca na formação, estamos proclamando a extinção dos antigos muros com currículos segmentados e disciplinas estanques. Reconhecer a abertura dessas alternativas é tornar a educação mais aberta, flexível e dinâmica, interagindo na sociedade e compartilhando do seu tempo. Assim como as escolas; os programas dos Museus ampliam essa sociabilização e a possibilidade de enfoques diferenciados sobre educação e cultura. Abrem-se discussões a novas linguagens e ao conhecimento sensível que privilegia a beleza, a participação colaborativa e interdisciplinar, a relação com a história, as diferentes culturas e realidades, novos olhares e paradigmas para contribuir na formação de novos cidadãos.

Os processos educativos, assim como as atividades de comunicação, divulgação e extroversão dos acervos abrigados nos Museus, nos dias atuais, procuram reforçar e tornar atrativas as atividades desenvolvidas nestes espaços e no seu entorno, de forma contextualizada e participativa.

Os Museus, os monumentos, os bens culturais tangíveis e intangíveis, o patrimônio histórico, artístico, arqueológico e demais, permitem

aos indivíduos experiências concretas de evocação do passado, de suas memórias e de suas histórias de vida.

Em uma educação integrada, participativa, permanente e continuada, que se estabeleça entre o Museu, a comunidade e seu entorno, o foco se concentra numa reflexão constante, no pensamento crítico e criativo, em uma ação transformadora do sujeito e do mundo, assim como em atividades sociais e culturais, histórico-socialmente condicionada em um tempo e espaço contextualizado e inserido nas experiências e no cotidiano de todos os sujeitos envolvidos.

É necessário salientar, que assim como na Educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. E seguindo nesse pensamento Paulo Freire explicita:

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. [...] Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. (2011, p.20)

O foco dessa pedagogia se volta para uma reflexão constante, com pensamento crítico e criativo, determinado pela integração e interação participativa do Museu, da escola, de seus públicos, e da comunidade no qual está inserida.

O Museu, além de sua função de guardião de memórias e identidades histórico-socioculturais, preocupa-se com a pesquisa, a preservação, a conservação e a comunicação-divulgação. Preocupa-se também com o sujeito, sua formação, suas experiências sensíveis e vivências instigantes, lúdicas e prazerosas como propósito maior da educação. Interagir nos ambientes museais, seus entornos e seus contextos históricos, sociais, políticos e culturais resultam em uma ação transformadora. Esse processo reflexivo encadeia provocações onde as leituras contextualizadas conversam com o patrimônio, com os objetos musealizados e/ou musealizáveis e com a

sociedade. Geram ambientes propícios às ações de atores e protagonistas, sujeitos de suas próprias histórias.

## 2.2 DIFERENCIANDO PROCESSOS EDUCATIVOS E MUSEOLÓGICOS:

Para a construção do discurso e da argumentação, tomei como referencial os registros de projetos com os quais estive envolvida, bem como as reflexões realizadas ao longo da minha carreira como museóloga e como professora. Muitos desses registros estão presentes em publicações de minha autoria. (SANTOS, 1986, p. 2)

Uma pedagogia museal aponta aproximações possíveis entre o fazer museológico e interferências nos processos curriculares, interagindo e rompendo fronteiras. Assim também, como proporciona uma aprendizagem diferenciada, contando para isso com a construção de práticas sociais, históricas, educativas e culturais. Dessa forma o patrimônio material, imaterial, natural e cultural, considerando os objetos musealizados e musealizáveis transforma e provoca múltiplas e diversificadas interpretações, entre elas, algumas que são tratadas nessa pesquisa.

Considerando então, os objetivos elaborados que começaram com a busca de registros da produção intelectual produzidos por Maria Célia Teixeira Moura Santos nos Cadernos de Sociomuseologia, relacionados à Educação Museal brasileira, no período de 1994 a 2003, procurei apontar aspectos sobre a produção e atuação no tocante à Educação Museal brasileira e sua interdisciplinaridade, assim como analisar a prática da Educação Museal e seu compromisso social, político, educativo e cultural.

Como dito na apresentação do volume 18, de 2002, o Caderno de SocioMuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, por meio do Centro de Estudos de Sociomuseologia, proporcionou um significativo espaço para divulgação dos trabalhos de professores-pesquisadores brasileiros, "em um intercâmbio salutar e necessário ao desenvolvimento da produção do conhecimento", na área da Museologia em seus vários contextos e realidades. Por isso, pela relevância desse

intercâmbio, do crescimento e do aprimoramento resultante definimos o recorte necessário diante da extensa produção literária de Maria Célia Santos.

### 2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: BARDIN COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Diante dessa pesquisa, busquei na análise de conteúdo de Laurence Bardin (Professora e Psicóloga), subsídios para amparar a metodologia mais adequada a proposta, aos seus objetivos e delimitações teórico-prático pertinentes ao objeto desse estudo, que foi constituído pelos textos escritos por Maria Célia Santos nos Cadernos de SocioMuseologia, especificando aqueles que tratam da Educação em Museus. Ressalta-se que do ponto de vista aplicado pela Análise de Conteúdo, prevalece as considerações teóricas e práticas desse tipo de análise na área museológica.

Seguindo então a linha de raciocínio metodológico de Bardin, destaco as áreas de atuação de Maria Célia Santos: formação e capacitação, gestão, educação como categorias possíveis de pesquisa. Ressalto, no entanto, que o detalhamento na área da Educação em Museus é o que constitui o foco/recorte desse TCC. Para isso,

A intenção de análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, ou eventualmente, às condições de recepção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não. (BARDIN, 2016, p.23)

Considero portanto, a dedução lógica e a aplicação da análise de conteúdo para verificação de como a Educação em Museus colabora sobremaneira para que as dinâmicas e processos privilegiam atividades educativo-culturais, que favorecem uma dinamização lúdica e prazerosa, efetiva e afetiva nos espaços museais. Busquei compreender as inferências (explícitas e implícitas), nas escritas selecionadas, enfatizando a efetiva e afetiva criação e produção intelectual dessa educadora museóloga, e sua escrita nos Cadernos de SocioMuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia- ULHT, Lisboa - Portugal.

Nessa proposta de avaliação metodológica, foi considerado então a análise do discurso para estruturação dessa pesquisa afim de buscar uma construção interpretativa vinculada ao contexto e ao compromisso social no qual os textos/artigos de Maria Célia Santos são produzidos e desenvolvidos. E para isso, Bardin (2016, p.15) é a referência utilizada, onde "a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados."

Esse conjunto de instrumentos busca estabelecer critérios de organização, por meio de uma pré-análise, seguida da exploração do material e o do tratamento dos resultados.

Para iniciar a análise sobre as práticas educativas museais teorizadas por Maria Célia, foi necessário organizar o material que vai compor o "*corpus*", realizando a seleção dos textos/escritas, elaborando-se os pontos-indicadores a serem investigados, buscando a interpretação e seus resultados. A partir da exploração do material selecionado, os dados coletados foram processados e transformados sistematicamente, com a escolha de unidades de registro para o recorte dado na pesquisa.

A estratégia para obtenção desses dados, enfocando o construído e delimitado no processo da pesquisa, trouxe a perspectiva de conciliar os textos Maria Célia Santos, com o saber museal acumulado/adquirido, no decorrer da sua história de vida, em um recorte temporal das primeiras publicações nos Cadernos de SocioMuseologia, no período de 1994 até anos 2002.

Vale também investigar e refletir sobre as narrativas e escritas, as trajetórias e as biografias como importantes fontes de dados, que marcam uma parte significativa da história de vida e das suas relações sociais e que se entrelaçam no cotidiano profissional desta museóloga que é referências na Educação, Gestão e Organização de Museus.

## 2.4 A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS E SEU COMPROMISSO SOCIAL

Para Maria Célia Santos, (2019), mesmo que em situação complexa, hoje contamos com um Plano Nacional de Cultura, com uma Política Nacional de Museus, com o Plano Nacional Setorial de Museus e com o Estatuto Brasileiro dos Museus.

No Estatuto Brasileiro de Museus - Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, encontramos os seguintes princípios:

- ✓ A valorização da dignidade humana e a promoção da cidadania;
- ✓ O cumprimento da função social;
- ✓ A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- ✓ A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- ✓ O intercâmbio institucional.

Vale ainda destacar, que as publicações elencadas, assim como as ações e reflexões apontadas destacam uma conexão e uma consistência integrativa e integral entre os profissionais de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes regiões do Brasil que demonstram, conforme Santos (2019, p. 264/270)

laços afetivos, em um ambiente de humor, companheirismo e de estímulo à criatividade [...] sentimento de bem-estar e de inserção no campo museológico, com alegria e prazer de estar contribuindo para a formulação e implantação de uma política museológica.

Dentre os artigos pesquisados, segue uma lista constante nas publicações da Revista Cadernos de SocioMuseologia, de autoria de Maria Célia Santos. Dos 17 textos selecionados, entre todos os demais produzidos, o recorte foi definido com o critério de importância das publicações dos Cadernos de SocioMuseologia, sendo que alguns desses textos constam de outras publicações e eventos correlatos. (Quadro 1)

Os procedimentos metodológicos para análise dos textos partem da temática definida, que é a Educação em Museus e a ação-reflexão-ação descritas e ponderadas nos textos selecionados.

A hipótese elaborada se constituiu nas questões inferidas que se relacionam com a extensa e detalhada disseminação das atividades e experiências vivenciadas que são abordadas e delineadas nesse recorte da

produção escrita nos Cadernos de SocioMuseologia. Questões estas que fundamentam referências museológicas que se estabelecem como arcabouço teórico, prático e metodológico para gerações de museólogos e profissionais afins.

**Quadro 1:** Lista de artigos publicados nos Cadernos de SocioMuseologia

	Ano	Título	Autoria
Art 01	1994 v.3 n.3	<a href="#">A Escola e o Museu no Brasil: uma História de Confirmação dos Interesses da Classe Dominante</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 02	1994 v.3 n.3	<a href="#">A Preservação da Memória enquanto Instrumento de Cidadania</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 03	1994 v.3 n.3	<a href="#">Documentação Museológica, Educação e Cidadania</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 04	1996 v.7 n.7	<a href="#">Introdução</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 05	1996 v.7 n.7	<a href="#">A Construção do Conhecimento na Museologia: reconstruindo um percurso histórico e demarcando posições</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 06	1996 v.7 n.7	<a href="#">Construindo um Processo Metodológico</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 07	1996 v.7 n.7	<a href="#">Processo Museológico e Educação: contribuições e perspectivas</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 08	1996 v.7 n.7	<a href="#">Bibliografia Consultada</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 09	1996 v.7 n.7	<a href="#">Do Caminho Pensado e Proposto aos Caminhos Percorridos: processos de ação e reflexão</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 10	1996 v.7 n.7	<a href="#">Política Cultural e Museus no Brasil: tentando desvelar e entender para estabelecer um novo ponto de partida</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 11	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">Reflexões Museológicas: caminhos de vida</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 12	2002	<a href="#">Entrevista ao Prof. Mário de Souza Chagas</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos

	<a href="#">v.18 n.18</a>		
Art 13	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">Museu: Centro de Educação Comunitária ou Contribuição ao Ensino Formal?</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 14	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">Processo Museológico: Critérios de Exclusão</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 15	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">Reflexões sobre a Nova Museologia</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 16	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a Qualidade de Vida dos Cidadãos: Diversas formas de Musealização</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos
Art 17	2002 <a href="#">v.18 n.18</a>	<a href="#">A Formação do Museólogo e o Seu Campo de Atuação</a>	Maria Célia Teixeira Moura Santos

Fonte: autoria da pesquisadora

O Quadro 01 apresenta, de forma cronológica, os 17 artigos selecionados para esta pesquisa e que foram publicados nos Cadernos de Sociomuseologia. Os artigos referem-se a três volumes: o volume 3, de 1994, intitulado "A historicidade do objeto museológico", no qual constam três artigos assinados por Maria Célia Santos; o volume 7, do ano de 1996 no qual há 07 artigos que discorrem sobre a tese de doutorado de Maria Célia em Educação intitulado "Processos Museológicos e Educação: construindo um Museu Didático-Comunitário"; e o volume 18, de 2002, com o título de "Reflexões Museológicas: caminhos da vida" que apresenta 07 artigos da museóloga.

A ferramenta de pesquisa se constituiu então; nas inferências observadas nos textos selecionados que enfatizam a ação-reflexão-ação em todos os projetos desenvolvidos nas narrativas escritas por Maria Célia.

Os textos, artigos e referências à museóloga, educadora e pesquisadora Maria Célia Santos, inclusive *sites* e documentos eletrônicos, serão utilizados nesse processo de biografar e buscar as relações existentes sobre a interdisciplinaridade e sensibilidades em suas escritas, incluindo referências citadas e indicadas.

Logo, compreender e investir no funcionamento, na estrutura e nos processos decorrentes dessas narrativas e trajetórias se constituem em

evidências e aspectos que podem tornar mais criativo, efetiva e afetivamente, as contribuições e os compromissos sociais, decorrentes da História de Vida e das referências textuais e bibliográficas de Maria Célia Teixeira Moura Santos. Nesse caso, os estudos aqui propostos podem contribuir de maneira significativa na história da Museologia e da participação ativa e ativista desta museóloga, no campo da Educação Museal.

Vale ainda salientar que a maioria das informações e significados não aparece apenas em uma primeira leitura; a experiência vem demonstrando que vão surgindo umas atrás das outras no transcurso das leituras sucessivas. Cada leitura revela novos conteúdos, novas interpretações. A partir desses conteúdos, busca-se compreender por meio de uma análise temática, os núcleos de sentido que compõem a comunicação e seus significados.

### CAPÍTULO 3: SINTONIZANDO AÇÕES-REFLEXÕES-AÇÕES

Partimos, então, da consideração de que os Museus devem ser analisados como “*locus*” para a produção do conhecimento, e a Museologia deve sintonizar-se com esta produção em todas as suas correntes, assim como com a sua função e o seu compromisso social. Estes estão inseridos no cotidiano museal, no qual os sujeitos histórico-sociais em sua relação com o mundo, e ao mesmo tempo, com o seu entorno, se aplicam aos mais diferenciados contextos, marcando as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação.

Nesse sentido, considero nessa pesquisa a Educação Museal, seguindo a linha de atuação de Santos, quando ela explicita em sua entrevista ao professor Mario Chagas:

considero a ação museológica como uma ação educativa e de interação, que produz conhecimento e busca a construção de uma nova prática social. Portanto, a ação museológica é, por mim compreendida, uma ação *educativa e de comunicação*. (2002, p. 13)

Nessa entrevista concedida ao Prof. Mário de Souza Chagas, evidencia-se a mescla existente entre o lado profissional-técnico e o lado pessoal, unindo as relações em sua totalidade:

Gosto de ser chamada Célia. O Maria complementa, é mais profissional. Em geral, os colegas cariocas costumam chamar-me *Maria Célia*. A propósito, você é o carioca mais nordestino que já conheci - o Mário do repente, da prosa, do abraço por inteiro, da criatividade, da resistência...

A sua proposta de entrevista fez-me reler o meu memorial, escrito para o Doutorado em Educação, quando do meu exame de qualificação, do qual você possui uma cópia. Naquela oportunidade, pela primeira vez, parei para refletir sobre os caminhos percorridos. E agora Mário, você me estimula a repensar novamente as minhas idas e vindas, a rica experiência de viver: profissão, emoção, amor, paixão, construção, reconstrução, decepção, tudo isso, numa imensa teia de relações, denominada vida. Acho que sou uma baiana “boa de prosa”, devo-me policiar, ser objetiva na entrevista, embora considere ser um pouco difícil, quando se tratam de Maria Célia e Mário Chagas. (2002, p. 7)

Entre os artigos pesquisados, apresentou-se uma lista (Quadro 01), onde consta uma relação das publicações em algumas das Revista Cadernos de SocioMuseologia, de autoria de Maria Célia Santos.

### 3.1 HARMONIA E SIMBIOSE NA ESCRITA

Considerando a proposta dessa pesquisa, dentre os artigos selecionados no período de 1994 a 2002, consegui visualizar uma harmonia e simbiose que integram o discurso de Maria Célia de forma extremamente marcante e intensa.

A opção por investigar as tendências de seu pensamento, suas ações e reflexões, possibilitaram identificar as recorrências, diálogos e atividades desenvolvidas nos seus diferentes projetos, em tempos e espaços nos quais transcorrem sua escrita. Assim como evidenciam quadros conceituais, teóricos, empíricos que demarcam uma série de valores e práticas museológicas em seu compromisso social com as comunidade nas quais atuou e ainda vem atuando.

As mudanças paradigmáticas advindas do compromisso social, demarcam as ações-reflexões-ações e determinam impactos diante das muitas controvérsias que acompanham o cotidiano de problemáticas descritas nos textos selecionados. Assim como a busca de soluções possíveis frente às realidades nas quais as atividades são desenvolvidas.

Nesses termos, os textos evidenciam algumas transformações tendo como foco a descrição dos projetos, ações e reflexões que integram o conteúdo pesquisado. Por outro lado, parafraseando Chagas (2015) os exemplos compartilhados demonstram que não se pode reduzir o Museu, a Museologia e as atividades educativas, culturais, histórico-sociais a um único aspecto correndo o risco de não observar toda a complexidade dessa problemática em uma conjectura contemporânea, já que classificar, selecionar, interpretar e expor, se constituem em um exercício de poder.

Diante dessa perspectiva, vale salientar que:

Uma museologia que se foi desenvolvendo sobre diversas formas; seja como ecoMuseus, Museus de comunidade, Museus de favela; que parte de problemas pressentidos pelas comunidades e procura dar resposta às questões. Se queremos conhecer os fenômenos não podemos ficar no leito. Temos que procurar nas margens. É aí que as coisas se transformam. Pensar a museologia social como um processo de envolvimento na transformação do mundo em que vivemos. Um instrumento de transformação. Contudo, esta proposta de uma museologia crítica que hoje se apresenta em diferentes formas um pouco por todo o mundo, mas com uma particular

relevância na América do Sul, não se propõe substituir às diferentes instâncias e organizações sociais. Os processos desta museologia social assumem-se como laboratórios de experiência social. Assumem-se como espaços de encontro que permitem às comunidades testarem soluções que podem ser relevantes. Essas comunidades, através das suas formas de organização social, poderão ou não concretizar essas experiências. (LEITE, 2014, p. 57).

Portanto, a escolha desses textos, que inicialmente se estabeleceram como um recorte da produção intelectual de Santos, se constitui também em um arcabouço teórico que reúne um fazer museal devido a participação colaborativa comunitária e técnica-profissional. Dessa forma, compondo-se em um arranjo museológico de alguns exemplos colaborativos e participativos e em uma série de compromissos sociais, políticos e culturais no campo da Museologia.

A minha sugestão é que a imaginação museal seja compreendida como a capacidade humana de trabalhar com a linguagem dos objetos, das imagens, das formas e das coisas. A imaginação museal é aquilo que propicia a experiência de organização no espaço - seja ele um território ou um desterritório - de uma narrativa que lança mão de imagens, formas e objetos, transformando-os em suportes de discursos, de memórias, de valores, de esquecimentos, de poderes etc., transformando-os em dispositivos mediadores de tempo e pessoas diferentes. (CHAGAS, 2005, p. 57).

Considero então, que as ações-reflexões-ações propostas, descritas e analisadas contribuíram para a criação de novas formas de realizar Museus. Por assim dizer, essas experiências apresentadas e discutidas nos textos selecionados geram novas perspectivas de ação, que podem ser ditas, segundo Chagas "imaginações museais", em um movimento contínuo de variadas atividades, ações e reflexões. Tratando-se de um exercício constante de flexibilidades museológicas, seguindo considerações de Marília Cury.

Musealizamos porque os objetos possuem a sua musealidade (qualidade histórica, antropológica, sociológica, técnica, artística, econômica etc.). A musealidade é atribuída e pode ocorrer por critérios determinados por especialista e/ou grupos culturais através da participação nos processos de musealização. (CURY, 2020, p.134)

Nessa perspectiva, o entendimento de processos educacionais que contam com os Museus em suas práticas sociais, conta também com os agentes sociais que transformam os Museus e suas agências em "*locus*" de

estudos e pesquisas, estudados pelos profissionais de Museus, que discorrem sobre seus feitos metodológicos, teóricos e práticos.

### 3.2 PEDAGOGIA MUSEOLÓGICA

Os escritos de Maria Célia abordam, o que na atualidade, pode ser denominado de uma pedagogia museológica.

A pedagogia museológica é um conceito instigante que necessita de experimentações metodológicas que propomos pela reflexiva como capacidade de transformação constante, a colaboração, dialógica na realidade empírica, e pela pesquisa-ação, porque implica um comprometimento dos pesquisadores e profissionais na pesquisa como observador-observado. (CURY, 2020, p139)

Pedagogia esta, que começa na sua ação-reflexão-ação, uma Museologia Reflexiva, que é pensada, ativada e refletida nas abordagens teóricas-práticas do cotidiano, estende-se para o que hoje é chamado de Meta-Teoria<sup>12</sup> ou Meta Museologia (mas isto é tema para outras pesquisas, outros TCCs).

Desse ponto de vista, Waldisa Camargo Guarnieri Russio, contemporânea de Maria Célia Santos, privilegiava como objeto de estudo da Museologia o “fato museal”, isto é, “relação profunda entre o homem e o objeto”. Para evidenciar o processo museal e o entendimento do “fato museal”, como objeto de estudo da Museologia, buscou-se um deslocamento das pesquisas de teóricos que se constituíam em leituras e interpretações pragmáticas e institucionais para as relações mais específicas entre os seres humanos e as suas realidades, decorrentes das articulações entre os agentes, as agências, o bem cultural, o espaço e seus contextos e realidades.

---

<sup>12</sup> Meta-Teoria ou Meta-Museologia são conceitos apresentados por Marília Xavier Cury e Bruno Brulon, entre outros teóricos, que abordam sobre conceitos e definições atuais, mas que se baseiam na Museologia dos anos 70/80. “O contexto trazido para discussão se situa no Comitê de Museologia (Icofom), Conselho Internacional de Museus (Icom) que, na virada dos anos de 1970 e na década de 1980, teve seu auge nos debates sobre a Museologia como ciência (hoje tratamos como disciplina científica), seu objeto de estudo e bases metodológicas.” (CURY, 2020, p. 129)

Maria Cristina Bruno (museóloga também contemporânea de Maria Célia Santos) denomina como “pedagogia museológica”. Segundo a autora:

Trata-se de uma pedagogia direcionada para a educação da memória a partir das referências patrimoniais que, por um lado, busca amparar do ponto de vista técnico os procedimentos museológicos e, por outro, procura ampliar as perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento. É, portanto, um caminho permeado por experimentações, mas, especialmente, por análises críticas sobre a função social dos museus na atualidade. (BRUNO, 2006, p.155)

As práticas e atividades educativo-culturais e sociais desenvolvidas, pesquisadas e descritas nos textos selecionados, demonstram a capacidade de integração ao cotidiano Escola-Museu e proporcionam aos profissionais de Museu, ações reflexivas, em constante transformação. Essas transformações, em suas variáveis modificáveis e adaptadas aos contextos diferenciados e a superação dessa entre a teoria e a prática, pode ser aplicada como uma abordagem pelo viés de uma pedagogia museológica.

### 3.3 PANORAMA MUSEOLÓGICO EDUCACIONAL:

Considero-me, uma profissional da área da museologia, que toma como referencial os conhecimentos construídos ao longo do processo histórico, para a construção de novos conhecimentos, levando em consideração as múltiplas realidades, aberta à interação com os diversos sujeitos sociais. Considero-me uma museóloga “antenada” com o meu tempo, com múltiplos olhares de busca e realização, a partir do patrimônio cultural.(SANTOS, 2002, p. 23)

Dentre os artigos produzidos, o Cadernos de SocioMuseologia Nº 7, de 1996 intitulado "Processo museológico e educação: construindo um Museu didático-comunitário" dedica-se essencialmente à relação Museologia e Educação. Em seu primeiro Capítulo, faz um panorama dos diversos programas desenvolvidos e executados de forma participativa e colaborativa com os professores e estudantes de 1º e 2º graus de Escolas públicas da Bahia, juntamente com universitários do Curso de Museologia da UFBA. Essas atividades levaram a diversas reflexões a respeito da preservação do

patrimônio cultural e suas relações com o processo educacional. Constatou-se que tanto na área educacional quanto na área cultural, faz-se necessário uma maior integração das práticas pedagógicas cotidianas. Tanto a Escola como os Espaços Culturais, os Museus, os cursos de Museologia carecem de ações mais efetivas e afetivas, que privilegiem o patrimônio cultural individual e coletivo-comunitário direcionado para estímulos, questionamentos, reflexões e ações criativas e compartilhadas, buscando novos fazeres e saberes.

No artigo seguinte: "Política Cultural e Museus no Brasil: tentando desvelar e entender para estabelecer um novo ponto de partida" o enfoque se deu nas políticas culturais que não dão conta de uma discussão mais ativa e concreta sobre a relação MUSEU X ESTADO. As Escola, assim como os Museu podem tornar-se poderosos instrumentos e suportes expressivos na busca de construção das memórias, identidades e cidadania.

Assim, para o desenvolvimento do tema, optamos por apresentar, inicialmente, uma abordagem contextual, situando-o no interior de uma concepção monista, de uma razão absolutizadora e no surgimento do Estado Nacional Moderno (SANTOS, 1996, p.23)

Para que isso aconteça, a ação-reflexão-ação apontou algumas práticas adotadas a partir da "política cultural", aceitas no Brasil, em diferentes momentos. Entre esses momentos, considerou-se algumas ações ajustadas em uma "concepção de cultura de caráter unitário e globalizador que apontavam para a busca de uma identidade nacional".

Seguindo nessa linha: em "A Construção do Conhecimento na Museologia: reconstruindo um percurso histórico e demarcando posições", Santos considerou que as pesquisas, os trabalhos, projetos, atividades museais, ainda encontravam-se, na maioria das vezes, dispersas e pontuais, sendo pouco disseminadas. Ressaltou então, o empenho do ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus) no tocante às discussões relacionadas a construção de conhecimentos na área museológica.

Nessa publicação, que tratava de sua pesquisa-tese, Maria Célia esclarece que relaciona diretamente com sua história de vida profissional e pessoal, contando para isso desde suas experiências no curso "Normal",

quando trabalhava com Associações de Pais e Mestres nas Escolas onde estagiava e que posteriormente serviram de objeto de suas pesquisas nas atividades Escola-Museu. Logo no início, como já dito, "Acreditamos que o nosso compromisso com a sociedade deve se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir - transformar a realidade." Evidenciou sua atuação como professora universitária, junto com professores e alunos de 1º e 2º graus, e também estudantes universitários do curso de Museologia da UFBA.

Em "Construindo um Processo Metodológico: optando pela Metodologia da Pesquisa-Ação", Santos utilizou a metodologia Pesquisa-Ação explicitada por Michel Thiollent:

... é um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p.14).

E seguindo sua pesquisa-atuação: "Do caminho pensado e proposto aos caminhos percorridos: processos de ação e reflexão" foram realizadas atividades que buscavam a mobilização do Colégio, integrando o Curso de Museologia, na busca da conquista do espaço escolar, assim como apresentou a necessidade constante de procurar apoio financeiro e institucional

Logo após ter sido aprovada na seleção do Doutorado em Educação, dirigi-me ao Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, onde apresentei a proposta do estudo à Diretora, Profa. Alba Pedreira Lapa, ao Vice-diretor do turno vespertino, Prof. Almir da Cruz Teixeira. A aceitação foi imediata, fato que nos motivou bastante. Marcamos uma reunião com os professores do Curso de Magistério, que foi realizada com a participação do meu orientador, Prof. Sérgio Farias. Falamos dos projetos que já havíamos desenvolvido em outros colégios da rede estadual de ensino da Cidade do Salvador e registramos o nosso interesse em iniciar um trabalho integrado com o Colégio Lomanto Júnior. Em geral, a proposta foi aceita, sendo que alguns professores demonstraram maior entusiasmo, como os das áreas de Expressão e Comunicação, Estudos Sociais e Educação Artística (SANTOS, 1996, p. 147-148)

Na sequência, "Processo Museológico e Educação: contribuições e perspectivas", Maria Célia conta que, dezembro de 1994, um marco importante de sua vida, por considerar o início de suas análises em diferentes frentes,

para atender as exigências para participar do Doutorado em Educação, e de sua pesquisa para a tese.

O Museu Didático-Comunitário de Itapuã continua em desenvolvimento e, por certo, ainda fornecerá um vasto material para muitas outras pesquisas. Durante todo o processo, como ficou registrado anteriormente, foram feitas reflexões constantes, com o intuito de tornar as ações mais claras, acertar os passos de acordo com as necessidades dos diversos grupos envolvidos e analisar o produto do trabalho alcançado. Porém, neste momento, sentimos necessidade de lançar mais um “olhar” sobre os caminhos percorridos. Ressalto, entretanto, que não pretendo ser “objetiva”, almejando uma neutralidade absoluta que apague as marcas da minha implicação no meu objeto de estudo. (SANTOS, 1996, p.305)

No v. 18 n. 18 (2002): "Reflexões museológicas: caminhos de vida" do Cadernos de SocioMuseologia, os textos apontam alguns processos e avaliações como mais uma etapa do caminhar profissional, aliado aos demais caminhos, resultantes dos diversos projetos, práticas, pesquisas e "participação em congressos, cursos e seminários, que motiva, em cada momento, a pensar a Museologia", assim como:

processos, e avaliação na aplicação das ações Museológicas em diferentes contextos e em interação com os diversos segmentos da sociedade, bem como a repensar formação do profissional museólogo e o seu campo de atuação. (SANTOS, 2002, p. 5)

Nesse aspecto, o exercício de reflexão contemporânea, e toda a sua dinamicidade como ferramenta possível na relação Museu-Escola e suas múltiplas variáveis, (re)adaptações, vivências experienciadas, escritas e analisadas permitem uma compreensão e novas perspectivas diante do compromisso histórico, social, educativo e político-cultural de uma Pedagogia Museal e/ou Museológica. Desse modo, tanto as experiências no campo dos Museus, como nos espaços escolares podem considerar que “as teorias não são espelhos da realidade, mas a própria invenção da realidade. A experimentação, tanto quanto a observação, está impregnada de teoria” (CHAGAS, 1994, p. 13).

Contando assim que as ações-reflexões-ações estejam em sintonia com os problemas da sociedade, principalmente nesse momento em que estamos vivendo. A realidade brasileira serve de exemplo de como a prática de uma museologia mais social, aliada ao Movimento da Nova Museologia estimula e direciona projetos diferenciados. Com isso incentivando práticas

museais em todas as tipologias de Museus, que estão sendo repensadas e implementadas de forma mais lúdica, dinâmica, humanizada e generosa.

## CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos na construção de um mundo social e ecologicamente mais justo. Não podemos deixar de ouvir e refletir sobre as diferentes vozes que estejam comprometidas com a construção de valores como tolerância, solidariedade, justiça, fraternidade, amor e ecologia. Este é um dos nossos grandes desafios, na contemporaneidade: uma urgência museológica e pedagógica. (SANTOS, 2021- liveYotube)

Passados três anos e meio da conversa com Maria Célia Santos, no SEBRAMUS - em Brasília (ago2019), onde defini meu tema, finalizo e apresento meu TCC com a sensação e o gostinho de "**quero mais**". Muito ainda teria para falar/escrever sobre amorosidades e seriedades desta museóloga educadora contemporânea que tanto representa a Museologia Brasileira.

Assim como também preciso deixar registrado que não trago quase nada de novo. A intenção é apenas salientar aspectos relevantes da Museologia Brasileira sob a ótica "*celiana*".

Quero então ressaltar, seguindo essa linha do pensamento "*celiano*" que o que diferencia o museológico do educativo encontra-se em uma linha tênue e frágil. Na prática, a teoria vai se adaptando, vai se entrelaçando, se conectando em redes contextuais e realidades simbólicas. As amorosidades e seriedades, na prática museal, confundem-se entre as teorias, conceitos, definições e as experiências, trocas, pesquisas- a ação-reflexão-ação.

Maria Célia Santos, com o registro de toda as suas experiências profissionais e pessoais, nos fornece como resultado dessa vida dedicada intensamente para e com a Museologia, múltiplas e infinitas possibilidades. Possibilidades estas que tenho o privilégio de apresentar em um pequeno recorte de toda sua produção e escrita efetiva e afetiva.

Ao seu jeito, essa museóloga-educadora-gestora nos aponta um produto da prática museal, totalmente embasada no arcabouço teórico que ela mesma foi construindo ao longo de sua jornada. De perto e distante ao mesmo tempo, é possível visualizar todo o envolvimento, as experiências práticas e

teóricas em um necessário distanciamento para o registro e a produção de referências na área museológica.

Para que isso aconteça, essa distância e essa proximidade simultâneas se constituem em característica marcante da atuação pedagógica e museal de Maria Célia. Suas práticas e seu objeto de estudo fundamentam toda a sua produção intelectual, a partir de seus ideais e de seu empenho em protagonizar os sujeitos históricos e a participação efetiva e afetiva de todos os envolvidos - individual e coletivamente.

A fundamentação teórica da Museologia produzida nos últimos 50 anos, não é somente um produto da prática museal, nem uma mera expressão de alguns ideais pontuais e isolados. A intenção é o ensejo de ser reconhecida, valorizada e disseminada dentro e fora da área museológica. Em especial, considerando que o caminho percorrido foi e continua sendo permeado por experimentações, vivências, propostas e projetos embasadas por análises críticas quanto à função social, histórica, cultural e política dos Museus na contemporaneidade.

Em termos metodológicos, pretendemos entender a musealização/museologia como uma prática social, na qual os agentes que fazem os museus e suas agências promovam a pedagogia museal integral e integrada. Essa integração é aquela que envolve a participação efetiva e afetiva, o compartilhamento colaborativo e reflexivo em todas as instâncias da atuação e da "*performance museal*" estabelecidos na escrita de Maria Célia Santos.

Estas reflexões corroboram com a necessidade de divulgar e articular dentro e fora da área museológica o quanto é necessário, essencial e relevante o delineamento e as tendências do conhecimento museal, em especial no tocante à Educação em Museus e todo o seu potencial.

Tanto quanto essas reflexões, é fundamental a compreensão de formas específicas de atuação e práticas museais que se inter-relacionam e se retroalimentam nos diferentes espaços de poder, que se configuram nos Museus e nas suas relações históricas, educativas e políticas. Reflexões também que se configuram como fatores preponderantes e contribuem para a visualização de Museologias plurais e seu compromisso social.

Essas reflexões extrapolam o debate específico dessas Museologias plurais, para as Ciências Humanas e Sociais, que marcadamente possuem uma vocação inter, multi e transdisciplinar.

Para isso, vale também extrapolar protocolos rígidos e paradigmas hegemônicos que lutam por uma produção e prática educativa, social e política, com amorosidade e seriedade, lúdica, prazerosa e humanizada.

Nessa linha de pensamento "*celiano*", ressalto como provocação a ideia de "*indisciplinaridade*", destacando as experiências, práticas e trocas compartilhadas e participativas que procuram resistir e combatem o disciplinamento hegemônico vigente. Assim, considero que esta pesquisa trouxe também algumas reflexões em relação à SocioMuseologia, no tocante a como ela pode atuar em comunidades e ajudá-las a descobrir novos caminhos de representatividade, trazendo reflexões e debates, promovendo e valorizando outras culturas, outros patrimônios, outras Museologias.

Gostaria, então, de acrescentar dois pontos:

1º) Maria Célia Santos continua disseminando seus conhecimentos para além de suas escritas e experiências, desde o início dos anos 70. Agora também em *lives* e no formato virtual/digital, com presença firme e constante de seus ideais museológicos e educativos;

2º) Recentemente apresentou seu Repositório, no qual "*contribui para a construção do conhecimento em nosso campo de atuação e para a divulgação da importância da Museologia, nos âmbitos social, da educação e da cultura.*" (2022, Santos, Repositório Virtual in: <https://www.mariaceliatms.com.br/>)

Como resultado, percebo também, que mesmo passados muitos anos, seu conteúdo em suas propostas/projetos é bem atual, é do hoje, é do agora... Expressa ideias, apresenta ações e atividades educativas, culturais, sociais e políticas que cabem nos espaços culturais e Museus dos nossos dias, nesse cotidiano que está em constante transformação, se metamorfoseando o tempo todo.

As diferentes realidades atuais, sejam elas presenciais ou virtuais, reais ou simbólicas continuam buscando o compartilhamento e a participação colaborativa - efetiva e afetiva.

Maria Célia museóloga, Maria Célia professora, Maria Célia educadora-educanda, Maria Célia gestora-coordenadora... enfim nos vários contextos e realidades nos quais atuou e ainda atua Maria Célia é referência na Museologia Brasileira.

Sua história de vida se mescla e celebra a dimensão indissociável da normalista, museóloga, educadora e gestora, assim como sua trajetória pedagógica-didática, tendo como pressuposto uma atuação sensível, lúdica, prazerosa e humanizada, com muita amorosidade e muita seriedade.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória*. In: *Introdução a Museologia*, 2006.
- CHAGAS, Mario de Souza. *Um Novo (Velho) Conceito de Museu*. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, v.1. n2. jul / dez 1985.
- CURY, Marília Xavier. *Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade museália, musealidade e musealização*. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Museologia & Interdisciplinaridade*, vol9, nº 17, julho2020.
- Declaração de Caracas, 1992.
- Declaração de Quebec, 1984.
- Declaração de Santiago, 1972.
- DEMO, Pedro. *Qualidade Humana*. Campinas, SP :Armazém do Ipê, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011.
- MOUTINHO, Mário Canova. *Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão*. *Revista Cadernos do Ceom*, 2015, pp. 423-427.
- PILLOTTO, Silvia. *Gestão e Conhecimento Sensível*. Editora Univille. 2006.
- PRIMO, Judite Santos. *Pensar Contemporaneamente a Museologia*. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 16, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa/Portugal: Edições Lusófonas, 1999.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A Danação do Objeto: o Museu no Ensino de História*. Chapecó, Argos, 2004.
- RUSSIO, Waldisa GUARNIERI. *Textos e Contextos de uma trajetória Profissional*. Org Maria Cristina Oliveira Bruno- São Paulo : Pinacoteca do

Estado : Secretaria de Estado da Cultura : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Um Compromisso Social com a Museologia. in Cadernos do CEOM / Centro de Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Vol. 1, n. 1 (jan/jul. 1986) Semestral, Chapecó : Unochapecó, 1986.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária. Salvador: Bureau Gráfica Editora, 1987.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1990.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Integrando a Escola ao Bairro. Salvador: Instituto Anísio Teixeira - Secretaria de Educação. 1990. 129.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1993.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário. Lisboa: ISMAG/UHLT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Centro de Estudos de SocioMuseologia. 1996.

SANTOS, Maria Célia T. M. Estratégias Museais e Patrimoniais contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização. Texto apresentado no VIII Atelier do Movimento Internacional da Nova Museologia, "Patrimônio e Juventude: desafios para o século XXI", realizado em Salvador-Bahia-Brasil, no período de 3 a 7 de nov. de 1999.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Reflexões Museológicas: caminhos de vida. Lisboa: ISMAG/UHLT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). Centro de Estudos de SocioMuseologia. 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4), 2008.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez. 1986.